

CONHEÇA A HISTÓRIA DA CASA (QUE TAMBÉM FOI) DA CADEIA

Na Avenida Benjamim Guimarães, nº 219, uma casinha de paredes alaranjadas tenta esconder, com tinta em amarelo bem claro, os dizeres "Polícia Civil". Mas fato é que as letras garrafais, divididas em duas linhas, já trazem à tona parte da história do imóvel. "Parte" porque aquelas mesmas paredes tiveram diferentes funções, indo de enfermaria durante a Gripe Espanhola a cadeia pública ao longo do tempo.

Página 4



'Homem do Valo': São Tiago tem um 'santo popular'

O Campo das Vertentes tem duas representantes a um passo da canonização: Nhá Chica e Isabel Cristina. A primeira, nascida no Rio das Mortes, em São João del-Rei, foi beatificada pela Igreja Católica em 2013; algo que também aconteceu com Isabel Cristina quase dez anos depois. Além de terem berço na mesma região e de serem quase santas oficialmente, algo mais as aproxima. Sim, o fato de que a devoção a ambas começou na voz, na esperança e na crença do povo. Conheça, então, o 'Homem do Valo', representante são-tiaguense desse movimento unindo fé, cultura e comunidade.

Página 5

Sinos batem e se comunicam nas Vertentes

São João del-Rei é conhecida há tempos e com méritos como a "Terra Onde os Sinos Falam". Mas fato é que, onde quer que eles badalem, uma mensagem está sendo passada – são horas, homenagens religiosas e avisos fúnebres numa tradição herdada desde o Brasil Colônia. Nesta edição, Marcus Santiago e José Edson Lara escrevem sobre o assunto.

Página 10

Já ouviu falar nos 'caixeiros viajantes'?

"Também popularmente conhecidos como 'cometas', eles eram mais que experientes homens de negócios. Na verdade, foram agentes essenciais na formação de redes econômicas, políticas e até sociais especialmente do final do século XIX até meados do século XX, quando a profissão passou a declinar. A saga deles com seus talões de pedidos dorme hoje nas folhas mortas e amareladas dos arquivos (se é que ainda existem); e muitas histórias, cabulações, episódios – bravatas tantas – envolvem a vida desses intrépidos e por vezes irreverentes viajantes do passado".

Página 14

PREÂMBULO

REGIÃO VERTENTES MEMÓRIA TRADIÇÃO E MAGIA

A Região Vertentes detém, honrosamente, um dos mais significativos e notáveis patrimônios culturais, históricos e artísticos do Estado, sem olvidarmos as imensas riquezas naturais. Bandeirantes desbravaram-lhe as primeiras trilhas, mineradores e sesmeiros a povoaram, tropeiros estabeleceram rotas de comércio e hábitos de sociabilidade; inconfidentes lançaram os alicerces da liberdade, soberania e cidadania; religiosos esparziram a fé, dentre encostas e serranias, aflorando-se, com o fluir do tempo, uma região tecida magistralmente pela história, cultura, arte, religiosidade, singularidade.

Aqui se viaja no tempo e no espaço, por caminhos atrativos, trajetos os mais diversificados, num amálgama de tradições, cultura, ancestralidade, originalidade, que conformam e moldam a nossa mineiridade, nossas gerações, marcas de simplicidade, conectividade, afetividade. A cada passo, o mergulho no passado glorioso, a revisitação às nossas raízes, riachos a aflorarem a cada grotta, ingremes curvas por sinuosas veredas, montanhas altaneiras, que guardam memórias antigas de nossos antepassados que, um dia, palmilharam estas terras e montanhas, com suas utopias, suores, sonhos, persistência, devoção – e nos legaram tão inestimável tesouro!

Eis a sabedoria do tempo em mãos calejadas, vozes cadenciadas, rostos enrugados, corações arejados, onde se oculta(ra)m vidas entrelaçadas, caminhos interiores, experiências inolvidáveis, sagas infindas. A bota encharcada de lama ou pó, o suor a escorrer do rosto, o vento tiritante que nos faz pulsar/conviver com liberdade, autenticidade, cumplicidade. A memória em prosa e verso, em pulsantes bênçãos, silenciosas lições, que só moradores e viajantes comungam, se inebriam na mais pura magia...O apelo da terra e das serras, o chamado mágico das estrelas, o sonho de se chegar além, a cada olhar, a cada deslocar-se, pois há sempre o desafio de uma estrada, o serpentear do riacho, horizontes que acenam à distância – a alma a se expandir, conectada indissolúvelmente à natureza nutritiva, curativa, intuitiva.

Somos uma região, um povo marcados pela singeleza, cordialidade, onde cada palavra, cada troca de olhares, cada aperto de mãos falam de continuidade, hospitalidade, dignidade, temporalidade. O futuro libertário ligado a experiências e contextualizações do passado memorável. A urdidura de pontes entre as gerações e consciências; o avivamento de chamadas inspiradoras, inovadoras que perpetuam a memória atávica, coletiva, fixando-se narrativas, ações, espaços de representação humana e afirmação territorial.

Vertentes, nossa alma, nossa gente!

Adivinhas/Charadas



- 1 – O que é, o que é? A capital brasileira que está presente em todos os aniversários.
- 2 – O que é, o que é? Tem centenas de rodas, mas não sai do lugar.
- 3 – O que é, o que é? O motivo dos ovos não contam piadas.
- 4 – O que é, o que é? No início muda e no fim dança.
- 5 – O que é, o que é? Mostra tudo que vê.

Respostas: 1) Palmas; 2) O estacionamento; 3) Para não rir; 4) A mudança; 5) O espelho

Provérbios e Adágios

- A amar e a rezar ninguém se pode obrigar.
- A bom gato, bom rato.
- Barriga cheia, companhia desfeita.
- Bastante sabe quem não sabe, se calar sabe.
- Boi ladrão não amanhece em roça.
- Boi sonso, chifrada certa.
- Batendo ferro é que se fica ferreiro.

Para refletir

- "Sucesso não é final, fracasso não é fatal: é a coragem de continuar que conta." **Winston Churchill**
- "Você nunca sabe a força que tem, até que a sua única alternativa é ser forte." **Bob Marley**
- "Tudo que você quer está do outro lado do medo." **George Addair**
- "Viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe." **Oscar Wilde**
- "A única coisa que supera o azar é o trabalho duro." **Autor desconhecido**
- "Eu prefiro a crítica mais afiada de um único homem inteligente que a aprovação irracional das massas." **Johannes Kepler**

RETIFICAÇÃO

Matéria "Mulheres da Fazenda Rio do Peixe – inícios do século XIX" 2ª Parte publicada em nosso boletim CCXXII, março/2026,

Notas, pág. 6, no inciso II por erro gráfico, houve a omissão das seguintes linhas, abaixo integralmente transcritas:

II- Alferes-Mór José Jacinto Rodrigues Lara, nascido por volta de 1778, casou aos 29-07-1825 ...

Ficam nossas desculpas.

Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Fernanda Cristina de Sousa
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)



O(S) IMPACTO(S) DE UMA COOPERATIVA

Qual a importância de uma Cooperativa de Crédito – ou melhor, de uma instituição financeira nativa, nascida do povo – numa pequena comunidade como São Tiago?

Responder não é difícil. Já num primeiro momento, há a mudança de rotina e cotidiano, a presença de uma instituição na vizinhança facilitando transações, conversas, negócios fechados. Ah... Não foram poucas as histórias de quem separava um dia inteiro para pegar estrada e enfrentar filas para simplesmente receber um pagamento antes de a Cooperativa de Crédito Rural Campos das Vertentes Ltda (hoje Sicoob Credivertentes) ser fundada no território são-tiaguense, em 1986. Tudo isso causando gastos nas finanças muitas vezes já limitadas.

Há ainda a autoestima, a inclusão; e mais do que nunca o sentimento de que o mercado enxerga aquele povo, de que a tecnologia de ponta é possível e acessível. Por outro lado, o ciclo do Cooperativismo traz ainda mais benefícios com o tempo. Porque onde há uma Cooperativa de Crédito há desenvolvimento, fortalecimento da economia, recursos retidos e reinvestidos ali mesmo, na comunidade, para estimular inclusive o empreendedorismo. O movimento, então, é inverso: antes, economias e poupanças ficavam em outras cidades enquanto os correntistas que se deslocavam até lá ainda impulsionavam o comércio desses centros mesmo que, contando moedas, tomassem só um cafezinho pra dar conta do retorno ao município de origem.

Educação? Também há. No Cooperativismo praticado pelo Sicoob Credivertentes não faltam iniciativas



voltadas à Educação Financeira, à Cultura, à Memória, à Responsabilidade Ambiental, ao aperfeiçoamento profissional de nossa gente. São projetos próprios e ações em grandes parcerias com o SENAR, o SEBRAE, a EMATER.

Daí certa vez uma senhora acerca-se de um dirigente da Cooperativa:

– Gostaria de dizer que meu pai, meu sogro e mesmo meu marido tiveram que sair de São Tiago pra buscar emprego no passado. Antes da “Credi” (como é popularmente conhecida) não tinha oportunidade pra ninguém aqui.

A mesma senhora, então, sorriu antes de emendar:

– Pois bem. Com meus filhos foi diferente. Não precisaram sair daqui pra ganhar o pão. Todos têm carteira assinada ou abriram o próprio negócio. São felizes onde nasceram, perto da gente.

É assim que se define a Justiça Financeira. Muito além de taxas competitivas, economia no bolso e portfólio completo, há aumento de oportunidades, redução de desigualdades, compartilhamento de resultados entre todos (em vez de lucro para poucos), qualidade de vida para quem quer crescer, investir, realizar sonhos, transformar realidades.

NOTAS DE FALECIMENTOS



LORENA DE LARA CASTRO

★ 01/09/2020
† 26/01/2026

Garotinha Lorena, aos 5 anos, filha de Luiz e Maysa, após insidiosa enfermidade e tratamento, fato que consternou toda a comunidade.

Sr. Pedro Garcia Duarte, aos 78 anos, produtor rural, exemplo de trabalho, honradez, fiel leitor e amigo de nosso boletim.



PEDRO GARCIA DUARTE

★ 14/04/1947
† 03/04/2026

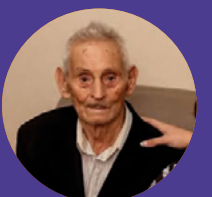


ANTONIO MARQUES DA SILVA

★ 14/05/1936
† 16/03/2026

Sr. Antônio Marques da Silva, aos 89 anos, produtor rural, associado fundador do SICOOB CREDIVERTENTES, sepultado em Oliveira.

Sr. José Alves de Gouveia conhecido como “Parreirinha”, aos 94 anos. Agricultor, vida longemente dedicada ao trato com a terra, chefe de família devotado, cidadão probo e modelar.



JOSE ALVES GOUVEIA

★ 21/06/1931
† 08/04/2026

Aos familiares, nossas condolências e solidariedade.



A CASA DA CADEIA E SUA IMPORTÂNCIA NA HISTÓRIA DE SÃO TIAGO

Por Cairu

Não se sabe precisamente quando foi construída aquela casa localizada na Av. Benjamim Guimarães, nº 219.

Imagina-se que tenha sido nos fins dos anos 1800 porque até 1926 ela serviu como escola. Sua história se inicia como Escola Pública de Instrução Primária da Freguesia de São Tiago em 1875, conforme Livro de Atas de Exames. Na mesma época era utilizada também a casa, ao lado, pertencente ao Sr. José Campos (demolida recentemente), nela estudavam os meninos e na cadeia as meninas.

Sabemos de alguns professores que lecionaram naquela escola:

Prof. João Baptista Ferreira (para o sexo masculino);

D. Ana Virgínia de Andrade (Dona Sinhá) para o sexo feminino. Sucessivamente D. Ana Teodora da Silveira Alves (D. Nanzinha), natural de Ibituruna/MG, que anos depois foi diretora do Grupo Escolar Afonso Pena Júnior; D. Carmelita Sirota mais conhecida como (Nhá Sirota), natural de Morro do Ferro/MG. E mais Guilherme Alves de Andrade, Josino Alves da Silva Rodarte, D. Maria das Dores de Siqueira Lara, Maria José Barreto de Andrade, Eugênia Vieira de Sousa, Hormandina Lara e Silva, D. Marieta Bom Tempo. Estes ministravam aulas em turmas separadas para o sexo masculino e feminino. Só bem mais tarde (1924) surgiram as turmas mistas, ou seja, meninas e meninos nas mesmas turmas. A referida casa abrigou a Escola Pública Primária até 10/02/1927, quando foi construído e instalado o Grupo Escolar que recebeu o nome de Afonso Pena Júnior.

É de nosso conhecimento, com a informação da professora Nilda Reis (com 100 anos completos) que foram alunos de sua mãe D. Nanzinha lá na Casa da Cadeia: Sr. Jairo Navarro de Castro, Sr. Manoel Gaudêncio (Lilito), Sra. Jove (irmã do Jairo Navarro), D. Conceição do Altino, José Carmindo (profissão ferreiro), D. Áurea (do Sebastião Moraes), D. Maria das Dores Gaudêncio (irmã do Dr. João Gaudêncio), Maria Cristina Reis (a Tita).

Foi aluna de D. Nhá Sirota a Sra. Maria Cristina de Lourdes Rezende (mãe da Cairu). A casa da cadeia também serviu como enfermaria durante a terrível epidemia chama-



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO TIAGO

Fundado em 28 de maio de 2.007 - CNPJ 09.304.431/0001 - 6
U.P.M: Lei - Nº.2.102, de 18/07/2008 e U.P.E: Lei - Nº.18.821, de 27/04/2010

Rua: Carlos Pereira, 33 | Centro | Cep. 36350-000 | São Tiago | MG

E-mail: ihgstmg@gmail.com

Ofício: 003/2026

Assunto: Solicitação

Serviço: IHGST

São Tiago, 05 de março de 2026

Senhor Prefeito,

Respeitosos cumprimentos.

O IHGST (Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago), vem através de seus membros, solicitar a V. Exa. o TOMBAMENTO do imóvel hoje conhecido como "Casa da Cadeia", tendo em vista a sua importância para a história de São Tiago por tudo que já se passou naquela casa, que já serviu como escola pública, como cadeia, como enfermaria e outras serventias nesta cidade.

O TOMBAMENTO é a única forma de preservar um bem, conservando-o para conhecimento das gerações futuras. Por isso e para isso é que nos unimos para solicitar de V. Exa. este gesto de sensibilidade à cultura de nossa terra e à preservação da memória de fatos e feitos de nossos antepassados, construindo a história de nossa querida São Tiago.

Esperando merecer a atenção e ação de V. Exa., nos colocamos para mais esclarecimentos se os julgar necessários.

Anexo segue um relato do que nos leva a este pedido.

Atenciosamente,

Maria Elena Caputo de Castro
Presidente do IHGST

Marcos Santiago
Secretário do IHGST

Maria de Lourdes Rezende
Curadora do Memorial Santiaguense

Exmo. Sr.
Alexandre N. A. Vivas
DD. Prefeito Municipal
SÃO TIAGO/MG

da "Gripe Espanhola", após a primeira guerra mundial anos 1919, 1920... Depois tornou-se aquela casa uma cadeia pública, não sabemos precisar a data. Como se pode notar até hoje, ela teve uma janela na frente que, à época, tinha uma resistente grade por onde os familiares dos presos lhes entregavam refeições e outros objetos de uso pessoal. Sabemos de alguns conterrâneos nossos que ali estiveram presos, mas não os vamos citar. Seria uma indelicadeza e isso não nos é necessário para a veracidade da história que desejamos resgatar.

Por uma questão jurídica, as cidades pequenas deixaram de ter este espaço para aprisionar infratores, passando esta competência para as sedes de comarcas. Então os infratores passaram a ser levados para o presídio de Bom Sucesso, comarca a que pertencia São Tiago. Atualmente os infratores são encaminhados para São João del-Rei. Após este período, a casa tornou-se sede da Delegacia da Polícia Militar, depois da Polícia Civil e hoje abriga a "ONG 4 Patas".

Sendo um espaço público municipal e dada sua importância histórica, o IHGST (Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago) em reunião do dia 26/02/2026, por ser uma Instituição responsável por empenhar-se pela preservação da memória, achou por bem oficiar ao Sr. Prefeito Municipal, à Sra. Presidente da Câmara Municipal e ao Sr. Secretário de Educação e Cultura solicitando-lhes o "Tombamento" e cuidados da casa da cadeia para evitar que venha a ser demolida, como tantas casas históricas de São Tiago já desapareceram.

O homem do valo

Por Fabio Antônio Caputo
Membro do IHGST

A cerca de doze quilômetros de distância de São Tiago (sete e meio em linha reta), na estrada que vai até a Fazenda das Laranjeiras, está localizada a Capela de São Vicente de Paulo, quase sempre associada à história do Homem do Valo. Tomando o caminho para Capelinha, chegando ao trevo triangular informal batizado sugestivamente de “As Placas” (hoje são poucas), é só virar a direita que logo se chega ao destino.

A oralidade antiga conta que por volta de 1930 um andarilho sem documentos vagou pelas cercanias de São Tiago pedindo esmola e comida. Fraco e com a saúde comprometida não resistiu e foi encontrado morto próximo a esse local, em um valo, criando a referência Homem do Valo. No dicionário valo pode ser um fosso de proteção ou escoamento. Para nossa conversa valo é uma vala o suficientemente continua, natural ou construída, que pode servir até para dividir terrenos.

Monsenhor Elói começou a rezar missas em um cruzeiro erguido nas proximidades e, misteriosamente, com o passar do tempo e da maneira como o tempo ordena, as pessoas começaram a atribuir a este Homem do Valo o recebimento de graças e milagres. Posteriormente juntaram essa circunstância às próprias orações e pediram intenções nas missas. Estava formado um contrato de fé que hoje culmina no uso da terminologia Capela do Homem do Valo, Cruz do Homem do Valo ou Comunidade da Cruz do Valo, uma das formas como a redondeza é conhecida.

Devido à posição geográfica do local, tão perto da sede do município, é um pouco difícil de entender como ele está dentro da delimitação territorial de autoridade pastoral da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, em Capelinha. Entretanto, assim é a realidade! O atual responsável pela Paróquia de Nossa Senhora



das Mercês é o Padre Carlos Roberto das Graças, natural de Carmópolis de Minas, ordenado e designado em 2017. Respeitando o sistema de transferências usual das dioceses ele substituiu ao padre Pedro Cicero Carapina, atualmente na Paróquia de São Sebastião, em Campo Belo.

Em setembro (mês da morte do santo) a Comunidade da Cruz do Valo honra e comemora o seu padroeiro, São Vicente de Paulo, com todos os ingredientes que a fé popular ensinou: missa, procissão, fogos de artifício, leilões e barraquinhas. Nesta ocasião o local recebe muitos visitantes, fiéis, devotos e vicentinos.

A Capela de São Vicente de Paulo foi erguida em 2006, com o incentivo do então pároco de Capelinha Padre Betinho. Sem mais informações, ficam somente especulações sobre a relação entre a história do Homem do Valo e a pequena construção religiosa. De uma forma ou de outra um par de sinalizações de fé, Homem do Valo e São Vicente de Paulo, se misturaram e convergiram sem muita explicação ou detalhamento. Isso não é relevante, afinal e como se disse, é questão de fé!

P.S.: Agradecimento ao Marcus Santiago pelo extrato de sua obra “Mercês de Água Limpa: simplesmente Capelinha (2022)” e suas postagens no Facebook Memórias de São Tiago.

De Cristo para Cristo

Por Fabio Antônio Caputo

Em 1859, no Rio de Janeiro, o padre francês Pierre-Marie Boss teve um sonho que se transformou em uma proposta para a criação de um monumento religioso no Monte do Corcovado. Somente na década de 20 o assunto voltou com força e foi realizado um concurso de projetos artísticos e arquitetônicos. A proposta vencedora foi encabeçada pelo engenheiro Heitor da Silva Costa e pelo desenhista e escultor Maximilian Paul Landowski, com cálculo estrutural, mais que necessário, de Albert Caquot. Não era somente uma estátua e sim uma estrutura, dimensionada para resistir a fortes esforços de vento.

O monumento é uma estátua fabricada em concreto armado e revestido em pedra sabão, no estilo Art Déco. As principais partes, as mãos e a cabeça, foram moldadas em Paris.

O nome escolhido foi Cristo Redentor, sendo inaugurado em 12 de outubro de 1931. Ele é um símbolo de brasilidade incontestável e uma sinalização da religiosidade desta terra. O Cristo de braços abertos transmite uma ideia de abraço e acolhimento, ao lado de paz e fé, além de emular sem esforço o formato de uma cruz. Tem status de ícone e é considerado uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno.

A concretização do Cristo Redentor inspirou o surgimento de vários similares pelo país afora. Entre pequenos e grandes existem mais de cem estátuas no país, com aproximadamente cinquenta em São Paulo. Minas Gerais e Paraná também possuem um significativo número de réplicas. O Cristo Redentor do Rio de Janeiro é de longe o mais famoso, mas não é o maior. Está em terceiro lugar com 38 metros de altura total, atrás do Cristo Protetor de Encantado (RS) com 43.5 metros, e do Cristo de Elói Mendes em Elói Mendes (MG), com 38.5 metros. Estas medidas consideram a estátua propriamente dita e uma base de sustentação.



A cidade de São João del Rei conta hoje com duas estátuas de Cristo. A primeira, uma antiga, inaugurada em 1942 em um mirante no Alto da Boa Vista no Bairro Senhor dos Montes. O monumento e seu entorno encontravam-se até tempos atrás em situação de abandono, sem manutenção, e com falhas de segurança, segundo relatos. Não se sabe da situação atual. A segunda estátua, uma nova, foi inaugurada em 2019 no loteamento do Bairro Monte Cristo, saída para Lavras.

Corre por aí uma velha história, adaptável aos dias atuais para São João del Rei, contando que durante a época do Carnaval o Cristo do Alto da Boa Vista olha para baixo, para a cidade dos homens, e vê as ruas ocupadas por uma imensa balburdia festiva, com pessoas de todos os sexos com menos roupas do que o normal, dançando e cantando sem freios, bebendo todo álcool possível e deixando um cheiro forte de urina por todo canto escuro e escondido. Sem entender, este Cristo veterano estica o braço para frente, coloca a palma da mão para baixo como a luminária de um poste jogando luz no teatro do espanto, e pergunta: “- Que bagunça é essa?”, esperançoso por resposta. O Cristo do Bairro Monte Cristo, novato e inexperiente, abre os braços em puro desanimo e sem palavras admite: “- Eu não sei”.

CONTO – O TAMBOR CHINÊS – I. SAIKAKU

O Tambor Chinês Ihara Saikaku Tradução Tejiti Suzuki

No bairro de Nishijin, na cidade de Quioto, estão localizadas as oficinas de tecelagem de seda. Entre os mestres que viviam dessa profissão, havia um que, não obstante a sua destreza no ofício, via a sua situação econômica piorar dia por dia. No fim do ano, encontrava-se num beco sem saída. Falou com a mulher, e ficou decidido que deixariam o bairro na calada da noite, às escondidas dos credores. Começou ele, então, a vender os móveis e utensílios da oficina, secretamente, mas o fato não passou despercebido dos seus colegas. Os mais chegados, que somavam uma dezena, lamentaram que tal ocorresse justamente com quem se mostrara sempre comedido, honesto, prestativo, homem de alma piedosa e isenta de pecados. Desejosos de salvá-lo da situação em que encontrava, encarregaram um deles, escolhido por mais avisado, de indagar do estado real das dívidas do colega. O enviado ficou sabendo que elas mal chegavam a oitenta ryos (cerca de duas libras ouro). Disse então, ao casal em apuros:

— Por que abandonar a oficina, que mantiveram durante tanto tempo por causa de tão pouco? Não se amofinem: são coisas da vida. Deixem tudo por nossa conta. Vão tratar dos preparativos para o Ano Novo. Deem as crianças presentes bonitos. Quanto aos uniformes dos aprendizes, ainda há tempo de mandar fazê-los azuis, sem o emblema da oficina. E, a senhora, deve cuidar mais da sua aparência, principalmente numa ocasião como esta. Vá fazer um penteado vistoso: a sabedoria da esposa consiste em não deixar ninguém perceber que o marido está em dificuldades.

Na noite de 26 de dezembro, enquanto estivessem todos atarefados, os dez colegas do mestre tecelão combinaram entre si e foram ter à casa do amigo, levando cada um consigo dez ryos. Pediram um vaso de madeira e nele depuseram as moedas de ouro que haviam trazido, constituindo assim uma caixa de socorro mútuo.

— As moedas aqui juntadas, que somam cem ryos, dentro em breve estarão multiplicadas por dez — diziam.

Um dos tecelões, com ar de entendido, levou o vaso até o santuário do Deus da Prosperidade, diante do qual depois de bater palmas, disse, como se rezasse: Ó Deus da Prosperidade: multipliquei este tesouro; caso contrário, serei jogado ao Rio Kamiya.

Entre os risos e aplausos de todos os presentes, teve início uma alegre libação, com os vinhos e virtualhas trazidos pelos visitantes. Beneficiadores e beneficiados estavam eufóricos.

Que bela e inusitada maneira de comemorar a passagem do ano! — exclamavam, erguendo as taças. Mesmo os menos afeitos às bebidas fartaram-se de beber. Cantaram e dançaram até esgotarem todo o seu repertório de habilidades artísticas. Faziam tamanha algazarra que ninguém mais se entendia.

Eram quatro horas da manhã, e os galos cantavam, quando os visitantes se retiraram, após trocarem as sandálias, deixando suas capas e leques. Saíram abraçados uns aos outros, esquecidos de se despedirem dos donos da casa. Fatigado pelas preocupações da véspera, o mestre tecelão deitara-se no meio da sala, onde ficou a roncar alto.

Sua esposa fechou as portas, com maior cautela. Mandou a criadagem ir repousar. Não se continha, porém, de júbilo. Foi acordar o marido e pediu-lhe que fizesse um levantamento das contas à pagar: entregou-lhe, para tanto, o ábaco e o diário.

Brandindo o ábaco, bravateou o marido:

— Neste fim de ano, quando os cobradores me aparecerem, atiro-lhes com as moedas de ouro na cara. Sobretudo aquele maldito Hatiemon, o dono do empório, que, apesar de ser nosso parente afastado, e o mais intolerante de todos. Vou saldar definitivamente nossa dívida com ele. Não lhe compre mais nada. Passe a comprar no empório vizinho. E pague à vista, ouviu?

Enquanto fazia suas contas e projetos de pagamento, o tecelão foi buscar o vaso de madeira no santuário. Qual, porém, não foi a surpresa do casal quando constatou que o vaso estava vazio! Não podia ser obra dos ratos: ratos não roem moedas de ouro. Quem sabe se não seria uma brincadeira do Deus da Prosperidade? Vascilharam o santuário, repetidas vezes, mas não encontraram nem sombra do tesouro.

A grande alegria de havia pouco transformou-se numa tristeza sem fim. O tecelão pôs-se a monologar em voz alta:

— É destino. Não guardarei rancor de quem me roubou. Mas por que teria feito isso? Aceitei um auxílio caritativo e vejo-me em dificuldades maiores do que antes. Qual não será a maledicência das pessoas, agora? Não, não adianta continuar a viver neste mundo ingrato. Vamos, querida, partamos juntos para outra vida, levando as crianças conosco.

— É verdade. Não adianta continuar a viver — concordou, resoluta, a mulher.

Lembrou-se de que viria gente ver ambos, depois de mortos, e vestiu, então, o único quimono de seda branca que ainda lhe restava. Arrumou o cabelo ao espelho, com maior cuidado. Acarinhou a cabeça do marido: disse-

Ihara Saikaku, poeta e escritor japonês do século XVII, nascido em Osaka. O conto “O Tambor chinês” destacado em nosso blog, foi escrito há aproximadamente 340 anos atrás.



—lhe que, apesar dos dezenove anos decorridos, o amor conjugal de ambos parecia o orvalho daquela mesma madrugada. Com os olhos turvados pelas lágrimas, marido e mulher acenderam velas no santuário dos antepassados. Acordaram os filhos com cuidado. A menina, que era a mais velha, perguntou se já chegara o Ano Novo. Apesar de sonolento, o caçula não se esqueceu do arco de brinquedo que lhe havia sido prometido de presente.

Penalizados, os dois puseram-se a chorar copiosamente. Nesse momento, banhada também em prantos, a velha criada precipitou-se para dentro da sala:

— Não precisam explicar nada. Sei de tudo. O senhor e a senhora podem morrer, mas roubar a vida a estes inocentes! Não, isso não pode ser. Será que perderam a cabeça? Eu me encarrego de criar estas duas crianças.

Tudo isso foi dito aos gritos, enquanto ela protegia as crianças com seus braços. Os demais residentes acordaram com o barulho e os vizinhos vieram ver o que se passava. Em meio a confusão subsequente, o sol nasceu, e o projeto de suicídio acabou sendo posto de lado.

A notícia da ocorrência chegou aos ouvidos de alguns dos colegas do tecelão, os quais, convocando os companheiros faltantes, promoveram, os dez reunidos, uma sessão para deliberarem sobre o assunto. Ocorrência verdadeiramente incompreensível, na verdade. Como todos se haviam declarado dispostos a salvar o amigo da bancarrota, não seria admissível que algum deles fosse roubar o que ele próprio doara espontaneamente. O ladrão, no entanto, tinha de ser um deles.

— Só consultando a Providência é que se poderá provar a inocência de cada um de nós — afirmavam alguns. Outros, mais sensatos, achavam que isso não resolvia. Concordaram, por fim, em levar o caso ao conhecimento da autoridade, por escrito, de quem solicitaram julgamento. Deferida a solicitação, a audiência ficou marcada para o dia 25 de janeiro, ao término das festas. Foi, outrossim, ordenado aos suplicantes que não se ausentassem da cidade, sob pena de sofrerem as sanções da lei, e que todos comparecessem a audiência em companhia de suas respectivas esposas ou, na falta desta, de qualquer parente mais próximo, do sexo feminino.

No dia aprazado, os tecelões, acompanhados das esposas, que se mostravam contrariadas, compareceram em juízo. Sorteado o número de ordem e afixada a lista respectiva na parede, a autoridade sentenciou:

— Julgo-vos responsáveis, coletivamente, pelo desaparecimento do dinheiro que constituía o fundo de socorro mútuo, e condeno-vos à pena seguinte: todo o dia, durante dez dias consecutivos, sairá um dos casais à rua, conduzindo, na ponta de uma vara, aquele tambor chinês que ali está, e, fazendo o percurso que vai do palácio até a alameda de pinheiros do templo, na direção oeste, voltará aqui pelo mesmo trajeto. É terminantemente proibida a aproximação de curiosos.

O tambor em questão era um tambor grande e pesado, pintado de vermelho berrante.

Durante dez dias consecutivos, o caso manteve acesa a curiosidade pública.

Que condenação esquisita! — comentavam todos.

Decorridos dez dias, a autoridade convocou novamente os dez casais e disse-lhes:

— Agradeço a colaboração de todos vós para a elucidação deste caso. Sinto muito ter-vos submetido a tal ridículo e vexame. Dirijo-me particularmente aos maridos, que parecem ter sofrido bastante, por causa das queixas e imprecizações das mulheres. Eu soube disso por meio de um garoto muito vivo que coloquei dentro do tambor. Ele me contou ainda mais o seguinte: uma das mulheres se mostrou particularmente veemente nas suas invectivas contra o marido. Queixava-se do infortúnio de se ver assim exposta à curiosidade pública por culpa exclusiva dele. Protestava contra a tolice de ajudar a outrem e sacrificar a própria família. Suas lástimas e imprecizações foram num crescendo. A certa altura, o marido sussurrou ao ouvido da esposa: “Tenha um pouco de paciência. O dinheiro é nosso. Você o verá em casa.” Não direi aqui de quem se trata, nem penso tenha sido o roubo ato premeditado. Julgo-o, antes, fruto da embriaguez. Em consideração ao seu louvável ato anterior, de ter prestado socorro a um necessitado, suspendo a pena e ordeno ao culpado que se limite a devolver o dinheiro e a desaparecer da cidade com a família. Cumprida minha ordem, archive-se o processo. Podeis retirar-vos. Tenho dito.

ORQUÍDEAS: beleza, simbolismo e encantamento

Por Maria Elena Caputo

As orquídeas apresentam uma grande diversidade de formas, cores e tamanhos. Estão presentes em quase todos os continentes, com exceção da Antártida, sendo predominantes nas regiões tropicais.

Ao longo do tempo, tornaram-se símbolos de amor, luxo, beleza, força e sedução. São flores perfeitas para presentear, devido à sua elegância e raridade. Suas cores também carregam significados: a branca representa pureza; a amarela, alegria e amizade; a vermelha, paixão; a roxa, calma; e a azul, amor eterno. De modo geral, as orquídeas simbolizam ainda fertilidade, sofisticação e, no campo espiritual, a busca pela verdade, coragem e paz interior.

A floração das orquídeas, em muitas espécies, ocorre apenas uma vez por ano, podendo durar de seis a dez semanas. No entanto, há variedades que florescem de duas a quatro vezes ao ano. Para seu cultivo, exigem cuidados específicos: luz indireta, rega adequada e adubação regular. Não toleram água parada quando plantadas em vasos, preferem ambientes claros, mas não suportam exposição direta ao sol.

Além de sua beleza natural, as orquídeas possuem profundo significado espiritual. São consideradas um poderoso símbolo de beleza rara, refinamento, amor e força interior, frequentemente associadas à busca pela harmonia e ao florescer da espiritualidade. Por isso, são muito utilizadas em ambientes de meditação, contribuindo para elevar a energia e a vibração do espaço.

Em nossa região do Campo das Vertentes, a orquídea mais comum é a chamada “Chuva de Ouro”, também conhecida popularmente como “bailarina”. Esse nome se deve à sua leveza e delicadeza, pois suas flores lembram pequenas bailarinas ou borboletas em pleno voo.

De coloração amarela intensa, essa orquídea mantém sua cor

vibrante do nascimento até o murchar. Simbolicamente, está associada à prosperidade, abundância e otimismo. Sua tonalidade remete à energia solar, ao sucesso, à riqueza, aos novos ciclos, à sorte e à celebração da vida.

Muito apreciada para decoração e jardinagem, destaca-se pela elegância de suas hastes florais. Sua poda deve ser realizada somente após a floração, geralmente no final do inverno. A planta adapta-se bem ao uso de adubo orgânico e cinzas de madeira.

Nativa do Brasil, possui ciclo de vida perene e é bastante admirada por amantes de orquídeas. Exala um aroma suave e agradável e, em São Tiago, é facilmente encontrada em praças, jardins, sítios, chácaras e quintais.



A LENDA DA ORQUÍDEA

Conta-se que uma jovem tinha um namorado, que foi transformado em árvore por uma bruxa. Inconsolável, ela passava os dias abraçada ao tronco, chorando. Comovido com sua dor, um gênio transformou suas lágrimas em uma flor exótica, condenando-a, porém, a permanecer para sempre unida ao seu amado.

Assim teria surgido a orquídea — a flor que nasce agarrada ao tronco das árvores, símbolo de amor eterno e ligação profunda.

As orquídeas, portanto, encantam não apenas por sua beleza, mas também por sua simbologia, história e presença marcante na natureza e na vida humana. Toda pessoa sensível reconhece nelas um verdadeiro sinal de delicadeza e harmonia.

80 ANOS DA MARIA

Por Maria Elena Caputo

No dia 21 de março, tivemos, em nossa comunidade, um aniversário muito especial: o da Sra. Maria da Conceição Silva Mata.

Maria, esta mulher incrível, que carrega no próprio nome sua essência, celebrou sua festa em grande estilo, com o tema “ciganos”. O convite estava bem elaborado. A preparação da comemoração foi intensa e contou com a ajuda de outras colaboradoras. Ela dedicou-se à confecção de enfeites e lembrancinhas, que tornaram tudo ainda mais especial e marcante.

E o grande dia chegou! A residência estava impecável — repleta de beleza, energia, luz e muito colorido. Os convidados foram chegando, quase todos caracterizados: homens com faixas, calças, camisas de cetim e bandanas coloridas; mulheres com ricas vestimentas, saias longas adornadas com fitas, rendas e meda-lhas, bem ao estilo cigano.

Maria, sua filha e sua neta estavam muito bem vestidas, com trajes vistosos e diferenciados. As mesas estavam ornamentadas com guardanapos coloridos sobre toalhas brancas, além de notas de papel e moedas de chocolate, compondo a decoração.

O conjunto musical da cidade, Magnatas Show, com grande entusiasmo, embalou a noite com músicas para todos os estilos e gostos, garantindo animação na pista de dança durante toda a festa.

Maria estava radiante, rodeada de amigos, familiares e vizinhos. Houve momentos de grande emoção nas falas de seus familiares, que expressaram carinho e gratidão, recordando também seu esposo falecido, o senhor Rubens. Destacaram, especialmente, sua dedicação ao assumir, com amor, o papel de mãe de cinco filhos

ainda pequenos.

Maria cuidou de cada detalhe: das bijuterias aos lenços, dos doces às fitas coloridas, registrando ainda fotos com todos os convidados. Houve grande fartura de bebidas e alimentos; inclusive, uma enorme paella foi oferecida aos presentes, em um clima acolhedor e hospitaleiro, sob uma grande tenda. Os salgados foram servidos em tachos de cobre, enriquecendo ainda mais a beleza da decoração.

Momentos especiais marcaram a comemoração, como a dança cigana e a leitura de sorte em todas as mesas. Todas as mulheres foram agraciadas com uma carinhosa lembrancinha.

Maria recebeu homenagens de familiares e também teve seu momento de fala, emocionando a todos ao celebrar seus 80 anos com lucidez, saúde, energia e entusiasmo. Nascida em Ritápolis, é considerada uma “são-tiaguense nata”. Mulher do “sim”, está sempre a serviço do próximo, atuando em diversos segmentos da comunidade.

Maria: 80 anos de vida, 29.200 dias, 960 meses, 4.171 semanas, 700.800 horas, 42.048.000 minutos e 2.522.880.000 segundos.

Obrigada, Maria, por nos fazer tão bem e por sempre ajudar nossa comunidade.



2º Lançamento Literário na Biblioteca Pública Municipal

A Literatura e a Memória são-tiaguenses têm reforços. Isso porque em 13 de março foi lançado o livro *Memórias – Autobiografia*, de Donato Alvarenga Rocha. A obra revisita lições de vida, experiências inesquecíveis e o olhar do autor sobre a própria trajetória – e foi celebrada durante o 2º Lançamento Literário.

O evento foi realizado pela Biblioteca Pública Municipal com trilha sonora do violinista Hygor Lara – e como bem definido pela própria instituição, culminou numa noite dedicada à escrita, "à música e ao encontro entre leitores, amigos, comunidade".

Importante lembrar que Donato Alvarenga é um dos 22 membros-fundadores do Sicoob Credivertentes. Assim, registramos nosso respeito e nossas congratulações e nosso reconhecimento. Uma história que fez tanta diferença para tanta gente e em tantos âmbitos merecia, de fato, ser registrada e compartilhada.



Evento realizado em São Tiago reuniu "leitores, amigos e comunidade" para celebrar a vida e obra de Donato Alvarenga

MENSAGENS RECEBIDAS PÓS-LANÇAMENTO DO LIVRO: Parte 1

Parabéns, amigo Donato! Pela sua trajetória de vida e suas realizações pessoais e profissionais. Como a vida gira depressa... Parece que foi ontem mesmo que vi você aqui chegar. Chegou com pressa de fazer acontecer. E fez muito, levando seus conhecimentos ao produtor rural e a comunidade. Semana do Fazendeiro, torneio leiteiro, e muito mais. Obrigada por tudo. Você deu sua valiosa colaboração para o desenvolvimento de nossa terrinha.

Palavras da amiga Mirtes – 14/3/2026.

Foi bonito e emocionante mesmo, o lançamento do livro do Donato.

Gostei muito de ver tocar o pandeiro variados ritmos de música.

Palavras da Lúcia Mendes. – 14/3/2026.

Mais um escritor entre nós! Parabéns Donato! Para nós são-tiaguenses sempre foi uma honra tê-lo como conterrâneo nosso. Obrigada por tanto serviço prestado, pela sua amizade, além do vizinho atencioso, brincalhão, prestativo, por longos anos. Meus pais o admiravam muito. Quero ler

seu livro. Grande abraço.

Palavras da Fátima Campos. - 14/3/2026.

Parabéns Donato. Vc se tornou um filho da terra com sua educação, valores, abertura para seus amigos, carinho para com todos. Bela trajetória conquistada. Vc nos orgulha muito. Um grande abraço meu amigo!

Palavras da Sandra Caputo. - 14/3/2026.

Parabéns Donato, pela sua obra, relatando sua caminhada nesta terra que o recebeu como filho.

Palavras da Pete. - 14/3/2026.

Que bom Donato, que você realizou o seu sonho em escrever a sua história.

Sonhou e concretizou, lançando seu trabalho literário.

Parabéns pela conquista.

Palavras da Ilza Mendes de Almeida. - 14/3/2026.

Obrigado amiga Ilza. Isso mesmo. Era um sonho antigo que agora virou realidade, graças a Deus e ao Divino Espírito Santo.

Existem noites que passam... e existem noites que ficam para sempre guardadas no coração. Ontem foi uma dessas noites inesquecíveis. Foi o lançamento do livro do Donato na biblioteca, e tudo foi simplesmente maravilhoso, cheio de emoção, carinho e encontros que aquecem a alma.

Eu sempre digo uma coisa que carrego com muito sentimento dentro de mim: nem eu nem o Donato nascemos em São Tiago. A vida nos trouxe para cá, cada um com sua história, seus caminhos e seus sonhos. Mas existe algo muito especial nesta cidade que sempre me emociona profundamente. São Tiago tem um jeito único de acolher as pessoas. Aqui, mesmo quem não nasceu acaba sendo tratado como filho da terra.

E ontem eu senti isso de uma forma ainda mais forte.

Durante toda a noite, muitas pessoas vieram me abraçar, me chamaram pelo nome com um carinho tão grande que eu até me emocionava. Em vários momentos eu confesso que nem sabia exatamente quem era cada pessoa, mas isso não importava. O que importava era o gesto, o sorriso, o abraço apertado e o sentimento verdadeiro. É algo que não tem preço. É uma demonstração de afeto que só quem vive aqui consegue entender.

Foi impossível não sentir gratidão.

A biblioteca estava linda, cheia de gente, cheia de alegria e de orgulho pelo Donato. Amigos, conhecidos, pessoas da comunidade, todos reunidos para celebrar um momento tão importante da vida dele. Ver aquele espaço tomado por tantas pessoas queridas foi algo realmente emocionante. Era como se cada pessoa ali estivesse dizendo, de alguma forma: "Nós estamos felizes por você".

E isso é muito bonito de ver.

Em determinado momento da noite, o Flávio começou a cantar e tocar violão. A música trouxe ainda mais emoção para aquele ambiente que já estava cheio de sentimento. E então alguém lembrou de algo muito especial: quando era mais novo, o Donato tocava pandeiro.

Foi aí que aconteceu uma das cenas mais bonitas da noite.

Deram um pandeiro para ele. No começo foi quase uma surpresa. Ali estava o Donato acompanhando o Flávio, o violão de um lado, o pandeiro do outro, e a música enchendo a biblioteca de alegria. Foi um momento simples, espontâneo e profundamente bonito. Cada batida do pandeiro parecia contar um pedaço da história dele, da caminhada dele e do carinho que tantas pessoas têm por ele.

Olhar em volta naquele momento e ver tantos rostos sorrindo, tantas pessoas felizes por estarem ali, foi algo que tocou profundamente o meu coração.

Mais do que o lançamento de um livro, o que aconteceu ontem foi uma verdadeira celebração da vida, da amizade e da cultura. Foi um daqueles encontros que mostram o quanto as pessoas podem se unir para celebrar alguém que merece todo o reconhecimento.

Eu fiquei muito emocionado em ver o Donato sendo abraçado por tanta gente, recebendo tanto carinho e tanto respeito. Foi bonito demais.

Por isso quero deixar aqui também um agradecimento muito especial a todo o pessoal da biblioteca. Vocês fizeram um trabalho lindo. Tudo estava muito bem organizado, preparado com carinho, com dedicação e com respeito por esse momento tão importante. Vocês estão realmente de parabéns.

Ontem não foi apenas um evento.

Foi uma noite de abraços sinceros, de música, de lembranças, de orgulho e de gratidão. Uma noite que mostrou, mais uma vez, o tamanho do coração desta cidade e o quanto ela sabe valorizar as pessoas.

E eu só posso agradecer por poder viver momentos assim e

por fazer parte, de alguma forma, dessa história tão bonita.

Que venham muitos outros encontros como esse.

Porque noites como a de ontem a gente nunca esquece. Existem livros que simplesmente lemos... e existem livros que nos transformam. O livro do Donato, sem dúvida, pertence à segunda categoria.

Quando comecei a leitura, pensei que conheceria apenas mais uma história. Mas, página após página, percebi que estava entrando na vida de alguém que carrega dentro de si uma história verdadeira, intensa e profundamente humana. Ao terminar o livro, tive a clara sensação de que não apenas li um relato, mas que conheci a caminhada de um amigo — um amigo que merece todo respeito, reconhecimento e admiração.

A história de vida do Donato é muito mais do que uma sequência de acontecimentos. É uma verdadeira prova de superação, de coragem e de resistência diante das dificuldades que a vida impõe. Em cada parte do livro sentimos a presença de alguém que enfrentou desafios, que conheceu momentos difíceis, mas que nunca deixou de acreditar que era possível seguir em frente.

E é exatamente isso que torna essa história tão poderosa: ela nos lembra que, mesmo quando tudo parece impossível, sempre existe um caminho. Às vezes ele é difícil, às vezes exige mais força do que imaginamos ter, mas ele está lá — esperando que tenhamos coragem para continuar caminhando.

Depois dessa leitura, minha admiração por Donato cresceu ainda mais. Não apenas pelas conquistas alcançadas ao longo da vida, mas principalmente pela pessoa que ele é. Um homem verdadeiro, que não esconde sua história, que não foge das próprias experiências e que tem a grandeza de compartilhar sua trajetória com sinceridade e coragem.

Seu livro não é apenas uma narrativa. Ele é um legado. Um testemunho vivo de que vencer é possível. De que a determinação, a fé, a força interior e o coração podem transformar dificuldades em aprendizado e obstáculos em degraus para algo maior.

Histórias assim merecem ser contadas, lidas e guardadas. Porque elas inspiram. Elas nos fazem refletir. Elas nos lembram que cada pessoa carrega dentro de si uma força extraordinária, muitas vezes descoberta justamente nos momentos mais difíceis da vida.

Por isso, deixo aqui minha profunda gratidão. Obrigado, Donato, por permitir que sua história chegasse até mim. Obrigado por compartilhar não apenas acontecimentos, mas sentimentos, experiências e ensinamentos que certamente marcarão todos aqueles que tiverem a oportunidade de ler seu livro.

Hoje posso dizer com toda sinceridade: não recebi apenas uma leitura. Recebi uma lição de vida. Recebi um exemplo de perseverança. Recebi uma inspiração que levarei comigo.

Palavras do Achillis Cheib. – 14/3/2026

Caro amigo Achillis, não bastassem as emoções de ontem no lançamento de meu livro, hoje você me mandou esse texto que me trouxe mais emoção. Que texto espetacular!!!. Muito obrigado mais uma vez por tantas palavras de carinho. Um grande abraço pra você. 14/3/2026 – Donato.

Muito verdadeira a descrição feita pelo Sr Achillis esta noite na biblioteca!!! Foi mesmo muito emocionante e linda!!! Donato merece todo este carinho desta terra que o tem como filho.

Palavras da Ana enfermeira – 14/3/2026.

Continua no próximo número

A LINGUAGEM DOS SINOS: MEMÓRIA, FÉ E COMUNICAÇÃO

Por Marcus Santiago
IHGST

A introdução da linguagem dos sinos no Brasil remonta ao final do século XVII e ao século XVIII, período marcado pelo Brasil Colônia e pela intensificação do Ciclo do Ouro. Trazidos pelos portugueses, os sinos foram incorporados à estrutura das igrejas como instrumentos fundamentais de organização religiosa, social e territorial. Nas igrejas matrizes e em outros templos importantes, sobretudo naqueles dotados de torre ou campanário lateral, os sinos assumiram a função de meio oficial de comunicação entre a Igreja e a população.

O ato de tocar os sinos exigia força física, precisão técnica e conhecimento simbólico. Essa atividade era desempenhada pelo sineiro, função especializada dentro da organização paroquial, ou, em períodos anteriores, por pessoas escravizadas, o que evidencia a dimensão social e histórica desse ofício. Os diferentes tipos de toques — repiques, dobres e badaladas solenes — constituíam uma verdadeira linguagem sonora, compreendida coletivamente pela comunidade.

No contexto das vilas e arraiais mineiros, os sinos não se limitavam à esfera litúrgica. Eles regulavam o tempo social, anunciavam acontecimentos relevantes e marcavam o ritmo da vida cotidiana. Havia toques específicos para o início das missas, celebrações solenes, procissões, festas do calendário católico, visitas de autoridades civis ou eclesiásticas e acontecimentos extraordinários. De modo particular, os toques fúnebres possuíam variações conforme a condição do falecido, distinção que deu origem à conhecida expressão “Por quem os sinos doam?”, indicando que a morte de um indivíduo repercutia simbolicamente em toda a comunidade, fosse criança ou adulto.

Embora nossa cidade não tenha se destacado como centro de referência na linguagem dos sinos, como ocorreu em importantes cidades históricas de Minas Gerais, esse sistema comunicativo também esteve presente em sua formação. A proximidade geográfica e histórica com municípios vizinhos, especialmente com a cidade de São João del-Rei, contribuiu para a assimilação de práticas religiosas e tradições sonoras semelhantes, ainda que adaptadas à realidade local.

Desde os primeiros momentos de ocupação e organização da povoação, os sinos estiveram presentes. Após a construção da primeira capela dedicada ao Apóstolo Senhor São Tiago Maior e a Senhora Sant’Ana, já se registra, segundo a tradição oral, a existência de um sino de pequenas proporções instalado em um campanário lateral, cumprindo a função de anunciar os atos religiosos e convocar a comunidade para assuntos especiais.

Com a edificação da primeira igreja, datada de 1761, relatos orais indicam que o templo possuía uma única torre localizada em um dos lados da edificação. Nela, o sino desempenhava plenamente sua função comunicativa, sinalizando à população os acontecimentos religiosos e sociais que marcavam o cotidiano do então pequeno arraial.

A construção da nova Igreja Matriz, inaugurada em 1922, representou um marco na paisagem urbana e religiosa da cidade. A torre passou a ocupar posição central na fachada do templo, e nela foram instalados os sinos provenientes do Rio Grande do Sul. Colocados em posição elevada e visível, podiam ser vistos e ouvidos por todos. Em um contexto de reduzido tráfego de veículos e baixo nível de ruídos urbanos, o som propagava-se com nitidez por toda a cidade de São Tiago e suas imediações.

Os antigos sinos que a Matriz possuía foram substituídos

em 1960, pois estavam danificados pela ação do tempo. Monsenhor Eloi providenciou que fossem recolhidos e enviados ao Rio Grande do Sul, à Fundação Bellini, para a confecção de novos sinos. Não demorou para que fossem prontos e, assim que chegaram do distante estado, foram confiados aos senhores Benjamin Amadeu de Almeida e seus filhos, responsáveis pela confecção das cabeças de madeira, antes de serem novamente instalados na torre.

Durante o paróquio de Monsenhor Eloi, medidas foram adotadas para preservar os sinos da ação do tempo. Em razão da entrada de chuvas e da presença de aves que utilizavam o espaço da torre, foi instalado um basculante com pequena abertura. Sempre que os sinos são tocados, o basculante é aberto e, posteriormente, fechado. Apesar de sua funcionalidade, essa intervenção alterou a estética original da torre, diferenciando aquela abertura das demais janelas e ocultando parcialmente os sinos.

A partir do final da década de 1960, com a implantação do sistema de alto-falantes, ocorreu uma mudança significativa nos meios de comunicação comunitária. Os anúncios, avisos e comunicados passaram a ser transmitidos por esse novo sistema, reduzindo progressivamente o papel comunicativo dos sinos. Ainda assim, ambos os meios coexistiram por um período, marcando uma fase de transição entre formas tradicionais e modernas de comunicação.

Os sinos da Igreja de São Sebastião tocavam nos dias de missas e festas. Já o sino da Igreja do Rosário, além de anunciar as celebrações e festividades, era também tocado diariamente, às 12h e às 18h, por ocasião da oração do Angelus. Durante muitos anos, essa prática foi realizada pelas filhas de D. Percília. Mesmo depois de deixar de atuar na igreja, D. Antônia continuou, juntamente com suas filhas, a tocar o sino ao meio-dia em sua própria residência, mantendo viva a tradição. Segundo ela, Monsenhor Eloi lhe disse: “Antônia, toque o sino todos os dias, para que o povo ouça, se lembre de Deus e não se esqueça de rezar.”

Hoje, o sistema de alto-falantes tem a finalidade de tocar músicas antes das celebrações, e os sinos são acionados apenas antes das missas, em algumas celebrações festivas e na saída e chegada de procissões. Ainda assim, os sinos permanecem como importantes testemunhos materiais e imateriais da história local, símbolos de um tempo em que o som organizava o ritmo da vida, da fé e da convivência coletiva.



SÃO TIAGO E OS SINOS: NOSSA RELIGIOSIDADE E NOSSA CULTURA

Por José Edson Lara

Em sua premiada obra literária universal, “Por Quem os Sinos Dobram”, o premiado escritor estadunidense Ernest Hemingway coloca em relevo o significado abstrato do toque dos sinos. Neste sentido, ele condena as guerras e as injustiças, ao alertar que “quando morre um homem, morremos todos, pois somos parte da humanidade”. Assim, ele ressalta que os sinos fazem parte da essência e da existência de humanos que convivem em sociedades, pela comunicação.

Mas a história e o significado dos sinos são muito antigos, sendo que seus primórdios, ocorreram há cerca de 5.000 anos. Inicialmente eles se destinavam a orientar a agricultura, anunciando alertas importantes sobre as condições do tempo, aproximação de inimigos e invasores, além de outras ameaças. Posteriormente, na Idade Média, as religiões, notadamente a católica, passaram a inseri-los em igrejas, com a finalidade de anunciar cultos, celebrações e avisos comunitários. Inicialmente eram construídos por cerâmicas, não sendo adotados os badalos; com o avanço da metalurgia, passaram a ser manufaturados por ligas de bronze, inserindo-se o badalo, o que permitiu o toque interno, gerando maior sonoridade, alcance e precisão. É um instrumento de percussão, que provoca um som forte, com grande ressonância.

A partir da Idade Média, os sinos foram responsáveis pela grande mudança na arquitetura das igrejas. A construção passou a requerer o erguimento de torres elevadas e até de campanários independentes dos prédios das igrejas, como a famosa Torre de Pisa, na Itália e a Torre de Westminster, em Londres.

A chegada da religião católica e o progresso do Brasil a partir do século XVII, requereram a chegada dos sinos, provenientes da Itália, como acontece até nossos dias. Cidades coloniais como São João del-Rei e outras, passaram a incorporar os diversos sons de seus sinos à cultura e à identidade de seus habitantes. Assim, os sinos em menor tamanho passaram a ser incorporados a residências e fazendas, assumindo símbolo de religiosidade e de poder aos proprietários.

O sino pioneiro chegou a São Tiago, trazido por sacerdote e por lideranças cidadãs com a edificação da Igreja Matriz de São Tiago Maior e Sant’Ana, por volta de 1904. Posteriormente, já nas décadas de 1940 e em 1960, o número deles ficou completo, como resultado de um enorme esforço e entusiasmo do Monsenhor Francisco Elói.

No primeiro momento eles foram configurados para serem tocados como os sinos de São João del-Rei. Seus toques eram tradicionais, originando do acionamento deles pelo sineiro. Os contatos dos badalos com as bordas produziam sons idealizados para eventos diferenciados. Entretanto, o giro do sino em torno de um eixo de madeira não apresentava percepção de segurança para o sineiro e para pessoas que poderiam transitar ao solo, em um possível momento de queda. Assim, um sacristão-sineiro inovador, o Sr. Valdemar Sacristão, passou a buscar os toques, puxando os badalos por cordas e levando-os com sua força ao forte contato com as bordas dos sinos.

Embora ele fosse um autodidata, sua curiosidade o levou a desenvolver diversos sons, proporcionando significados a eventos diferenciados para: missas solenes, missas de Natal e de Páscoa, missas cotidianas, batizados, velórios de adultos e velórios de crianças, procissões e avisos comunitários.



Ele foi um mestre na arte de tocar os quatro sinos. Foi um gênio de São Tiago. Mas para saber admirar os toques, era necessário que se estivesse presente na torre, assistindo-o. À distância era impossível entender e apreciar sua genialidade. Tocava com um fervor e talento, como se tocasse uma guitarra. Ele combinava os toques com maestria, buscando os acordes necessários a cada evento. Ele se imaginava apresentando uma música, com os sinos. Alternava toques a sons individuais de cada sino, toques dois-a-dois nos sinos grandes, toques dois-a-dois nos sinos pequenos, toques com dois sinos, com segundo e o terceiro, com o primeiro e o quarto, e toques simultâneos aos quatro sinos. Esta foi uma significativa evolução em relação aos toques tradicionais das igrejas de São João del-Rei e de muitas outras cidades.

Sucedendo ao Sr. Valdemar, surgiram seus aprendizes, os senhores Antônio Claret Alves, sobrinho do Monsenhor, e que se mudou para São Paulo, José Edson Lara, que se mudou para Juiz de Fora e Raimundo Avelino. Nenhum de seus aprendizes apresentou algum talento que se aproximasse ao do Sr. Valdemar, e nem tiveram tempo de exercício de aprendizagem na arte.

Não que eu seja um saudosista de épocas muito pretéritas, mas uma constatação objetiva a que estou sempre atento quando retorno à nossa querida São Tiago, é o toque dos sinos. Não constatei desempenho tão artisticamente rico, como o de outrora.

Como quero que os toques dos sinos de São Tiago permaneçam importantes como elementos de nossa religiosidade, de nossa cultura e de nossa identidade!

Ah, “Por quem os sinos dobram”? Dobram por nós, alertando nossas mentes e espiritualidades ao propósito de pensar e de empreender o bem de todos.



A PROSA ENCANTADA DE CHICO BASTOS

Por Rogério Faria Tavares

Presidente emérito da Academia Mineira de Letras

É íntima (e antiga) a relação entre os médicos e a escrita literária. Que o digam dois mineiros: Guimarães Rosa e Pedro Nava, ambos entre os melhores autores da língua portuguesa.

A palavra exerce um fascínio a que é difícil resistir. Como sereia, ela atrai e seduz. Muitos mergulham no mar profundo em que vive o verbo, encantados pela possibilidade de desvendar seus mistérios, que não são poucos. Ainda que continue fiel à Medicina (sendo um dos expoentes de sua especialidade, a angiologia), Chico Bastos é mais um ótimo exemplo que ouviu o chamado da Literatura e deixou-se levar, aceitando o 'escrever' como a sua segunda natureza.

Seu novo livro "De borboletas e esperança" facilmente comprova, como notarão os leitores.

Em linguagem leve, fluida, agradável e de grande poder de comunicação, o cronista passeia por assuntos que vão desde a sua infância e as memórias que ela traz até os dias atuais, passando pelos tempos de sua formação universitária, a temporada em Paris e o começo da carreira. A diversidade temática ajuda o público a conhecer as várias facetas do narrador, suas visões de mundo, suas crenças e convicções, além de informar sobre como se relaciona em sociedade, com o mundo da Cultura, e, sobretudo, com a natureza, cuja presença é marcante ao longo de todas as páginas. É principalmente na descoberta de suas belezas que ele se mostra dono de olhar sensível e apurado, capaz de captar detalhes que a muitos passariam despercebidos.

Outro foco de interesse de Chico está na relação com a cidade, seus encantos ocultos, seus pontos fortes, sua história. O mineiro de Oliveira se sente acolhido pela capital e a ela presta as devidas homenagens. Como tantos cronistas, ele também 'flana', sem rumo, pelas ruas e avenidas de Belo Horizonte, às vezes a pé, às vezes em bicicleta, cumprindo percursos pontuados por surpresas e descobertas, mas também por espanto e decepção: "Doeu-me quando, na avenida Pasteur, perto do Colégio Arnaldo, cortaram um pau-brasil adulto, já em floração, porque 'atrapalhava' o estacionamento de carros... Outro fato desagradável: foi triste ver o corte de um abacateiro adulto na Rua Bernardo Guimarães, quase esqui-

na de avenida Bernardo Monteiro".

Finalmente, vale registrar o talento do autor também no campo da composição musical. O presente volume premia o seu público com algumas letras de sua lavra, o que enriquece a experiência estética proposta por Chico a quem se embrenhar pelas 'matas poéticas' que ele generosamente oferece à fruição coletiva. Que um dia possamos todos ter a chance de ouvir suas canções. Ao vivo. E que sua afeição pela Literatura continue acesa e forte. Seus leitores esperam novos livros, com a 'boa prosa' de sempre.

www.franciscoreisbastos.com.br



CAUSOS DO PE. JOSÉ DUQUE

O CONFESSIONÁRIO E O GALO

Por Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

Dizem que o Pe. José Duque de Siqueira conhecia “suas ovelhas” tão bem que, às vezes, nem precisava ouvir a confissão inteira.

Certa tarde, apareceu na igreja um sujeito simples da roça, chapéu na mão, meio sem jeito. Entrou no confessionário, e começou:

— Pe. José, vim confessar porque pequei...

Pe. José Duque respondeu calmo:

— Pois diga, meu filho.

O homem cochichou:

— Padre... eu pequei de ganância.

O vigário franziu a testa:

— Ganância? Como assim?

— É que eu cobicei o galo do vizinho, respondeu o homem.

Antes que o homem continuasse, o padre perguntou:

— E o galo canta diferente dos outros?

O sujeito respondeu, todo sem graça:

— Canta não, padre... mas bota ovo todo dia.

Pe. José Duque disse:

— Meu filho, volte para a roça e devolva o galo ao dono certo, porque ter galo que bota ovo é pecado dobrado!

O homem saiu vermelho que nem crista de galo, e o Pe. José Duque, ainda sorrindo, completou:

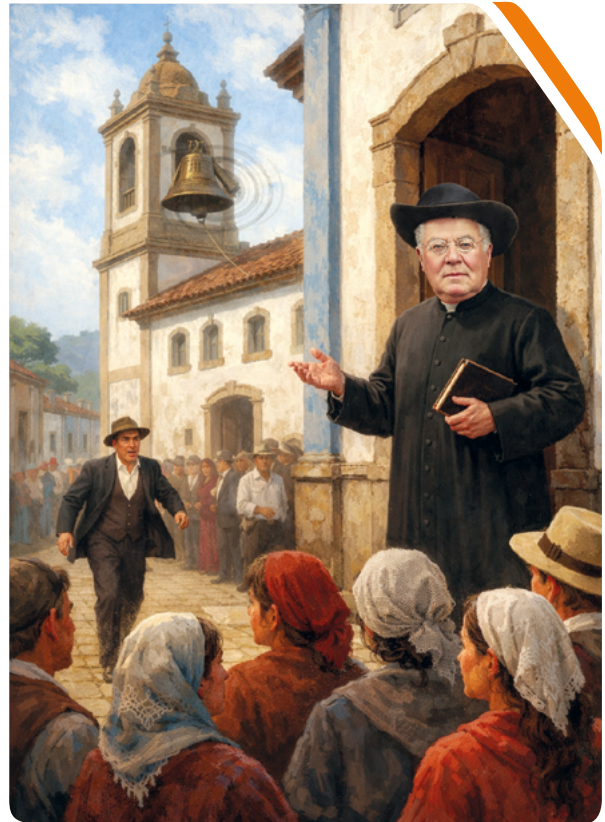
— E diga ao vizinho que, se o galo continuar botando ovo, traga à igreja, que aqui a gente chama de milagre, não de roubo.

Dizem que, depois disso, nunca mais apareceu história de galo. Mas sempre que alguém contava vantagem demais, vinha logo o comentário:

— Cuidado... daqui a pouco esse galo tá botando ovo.

Pe. José Duque sempre guardou essa passagem como segredo de confissão; porém, um matuto acabou por contar essa história a seus amigos, tornando-o assim famoso na cidade.

(Causo contado segundo informações dos familiares do Pe. José Duque)



O SINO QUE TOCOU NA HORA CERTA

Por Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

Conta o povo antigo que conviveu com o Pe. José Duque de Siqueira, em São Tiago, sobre o seu senso de justiça tão apurado. Certa vez, numa manhã de domingo, o sino da igreja demorou a tocar para a missa. As pessoas estranharam, e as beatas cochichavam no adro, já que aquilo nunca havia acontecido.

Passados alguns minutos, o vigário apareceu à porta da matriz, calmo, com o breviário debaixo do braço.

Alguém mais afoito perguntou:

— Padre, o sino não vai tocar hoje?

O sacerdote, muito astuto respondeu com a serenidade de sempre:

— Vai tocar, sim, mas só quando quem devia estar aqui chegar!

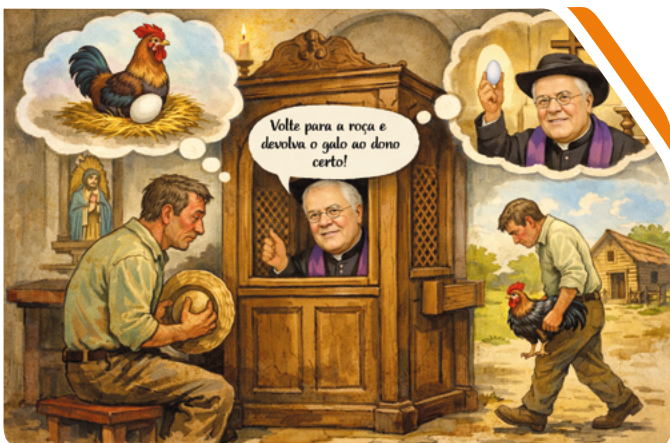
O povo se entreolhou, sem entender. Minutos depois, veio apressado pela rua um dos homens mais importantes, conhecido por nunca perder a missa, mas que naquele dia se atrasara por resolver negócios antes de Deus. Quando o homem pisou no adro da igreja, o sino começou a bater firme, bonito, como se tivesse alma própria.

Pe. José Duque, então, virou-se para o povo e disse, em tom manso:

— O sino da igreja chama todos iguais. Mas quando a gente se acha mais importante que a hora de Deus, o sino espera para ensinar.

Dizem que, depois disso, até quem morava longe passou a chegar cedo. Ficou a lembrança de que Deus não se atrasa... nem aceita atraso, ficando a moral de que a pontualidade também é uma forma de respeito e fé.

(Causo contado segundo informações dos familiares do Pe. José Duque)



CAIXEIROS VIAJANTES

Os caixeiros viajantes, também popularmente conhecidos como cometas, além de experientes homens de negócios, foram essenciais agentes formadores de redes sociais, econômicas, políticas em especial no final do século XIX até meados do século XX, quando a profissão passou a declinar. A saga dos caixeiros viajantes, com seus talões de pedidos, dorme hoje nas folhas mortas e amareladas dos arquivos (se é que ainda existam). Muitas histórias, cabulações, episódios – bravatas tantas – envolvem a vida dos intrépidos, por vezes irreverentes caixeiros viajantes do passado, que acabaram se perdendo no bolor do tempo – relíquias saídos de baús antigos com suas peculiaridades, ambiguidades... Um cabedal de muitas acrobacias comerciais e pessoais, histórias hilariantes, burlescas, astuciosas, épicas. Eram eles personagens itinerantes, que percorriam a região, oferecendo produtos e novidades disponibilizadas nas casas comerciais deste desmesurado País, muitas delas conhecidas como “secos & molhados” pois, na prática, vendiam de tudo⁽¹⁾. Permaneciam eles temporadas afora, retornando periodicamente à matriz (geralmente Rio de Janeiro ou São Paulo) para renovar mostruários, prover acertos, participar de treinamentos etc.

Detentores das mais variadas personalidades, oriundos das mais diversas regiões do País, alguns deles estrangeiros, os viajantes formavam um mesclado da cidadania e etnia, com seus hábitos e costumes, com suas gírias e sotaques peculiares, seus bairrismos, expoentes do gigantesco e eclético país chamado Brasil. Traziam – com sua presença alegre, inovadora nas pequenas, pacatas localidades – faturamento certo aos hoteleiros, aos proprietários de cinemas e senhorios de casas noturnas, sacudindo de emoções e ilusões, os corações das donzelas e levando, assim, pânico aos pais de família e autoridades. Como a maioria dos atacadistas eram portugueses, optavam estes por contratar patrícios, via de regra jovens, sadios, motivados e aptos a enfrentar grandes viagens pelos cantos e recantos do vasto Brasil⁽²⁾.

Tornar-se-iam os principais intermediários entre o comércio atacadista – geralmente estabelecido nas capitais e grandes centros urbanos – e casas de vendas localizadas no interior do vasto País⁽³⁾. Tinham como sonho ou projeto pessoal estabelecer-se por conta própria, tendo seu próprio negócio e muitos deles o conseguiram com sucesso. Os caixeiros viajantes tinham, em sua maioria, como patrões, atacadistas portugueses – os célebres “marotos” – magnatas, muitos deles somíticos, astuciosos, chegados ao Brasil com uma mão na frente e outra atrás, dominavam o mercado de tecidos, secos e molhados, ferragens, miudezas etc.⁽⁴⁾ Época de um Brasil em transição – da agricultura extrativa para um modelo de industrialização e urbanização.

Viajavam de cidade em cidade, muitas vezes em ônibus aos solavancos, driblando as crateras da estrada, poeirão circulando livremente pelas janelas, asfixiando os aturdidos passageiros. Uma existência de sobressaltos, alcançando as mais distantes povoações sertanejas, com suas nostalgias e bucolismos, levando em suas malas mágicas a última moda, os últimos livros editados, medicamentos que salvavam vidas, ideias novas e progressistas, em suma, o retrato da própria civilização. Hospedavam-se em hotéis e pensões, geralmente de má qualidade (acomodações precárias). Profissão cheia de imprevistos, preocupações, muitos espinhos e ossos do ofício – rígidas cartas de vendas a serem cumpridas, cobrança de borderô vencidos, duplicatas fazendo aniversário, conflitos com gerentes, supervisores, inspetores, relatórios martirizantes, malvistas em várias cidades, gozações de outros colegas, como os chamados “batismos” ou contos do “comprador fantasma”⁽⁵⁾.

Alguns deles, como sói ocorrer em todas as profissões, ladinos, ludibriadores, irresponsáveis, arrogantes⁽⁶⁾ atochando produtos, empurrando mercadorias, aos gorgotões, aos iludidos comerciantes, provocando ainda espalhafatos e escândalos por onde passavam. Ao desbravar, desde o alvorecer, as estradas inóvias – poeirentas na seca, lamacentas no verão – ou se utilizando de embarcações precárias em regiões de rios ou mar, de trens desengonçados, entrando o vento frio por todas as frestas, avançando a noite com todo seu negrume, eram eles, todavia, o arauto do progresso, levando aos mais longínquos confins e rincões brasileiros, a benfazeja luz do desenvolvimento comercial e mesmo da cultura. Atravessavam atoleiros, locais alagados, pontes aos pedaços; conviviam com “coronéis”, donos de redutos interioranos, quando não com trambiqueiros, contrabandistas, jagunços, a nata e a ralé social, toda sorte de mazelas e tipos humanos.

Muitos de seus clientes/fregueses eram casca grossa, baixa escolaridade, de difícil trato; outros exigentes, refinados (médicos, empresários de porte etc.) que impunham práticas e habilidades da elegância,



postura, linguagem sóbria, pôse devida a astros de maior grandeza. Tinham que adequar ainda a linguagem, preparados para se contrapor, argumentar, superar objeções, dominar a psicologia de vendas.

Estabeleciam eles, ademais, vínculos diversos de sociabilidade e representatividade, com impactos nas relações sociais, culturais, econômicas e mesmo políticas no âmbito da comunidade da época. Na qualidade de representantes de celebradas casas comerciais sediadas geralmente nas capitais, moviam-se eles de cidade em cidade, de lugarejo em lugarejo, montados a cavalo ou a bordo de veículos automotores, os famosos “pés de bode”, carregados de bolsas, malas cheias de apetrechos, mercadorias a serem comercializadas por todo o interior, chegando às mais remotas povoações. Munidos, para tal, de talão de pedidos, catálogos, mostruários com a descrição dos produtos e amostras de mercadorias, tudo acondicionado em resistentes baús e canastras. Vestiam-se, em primeiro momento a rigor – tempos em que ainda não existiam automóveis, deslocando-se a cavalo. Botas de cano alto, esporas enormes, camisa xadrez, lenço no pescoço, chapéu de aba larga, guarda-pó, capa de chuva ou poncho e para completar a vistosa indumentária, o relho de cabo curto na mão direita, a guaia na cintura, onde levavam o dinheiro e a pistola⁽⁷⁾. Havia outros, igualmente distintamente trajados, que usavam, em serviço, roupas de linho branco S-120, coletes de fantasia em seda e drás, engomadas, bem passadas recentemente a parafina, brilhando no espermacete.

Afetos à vida da Corte ou capitais, promoviam País afora festas dançantes, representações dramáticas, tertúlias, saraus, excursões campestres à moda de lazer da época, criavam grêmios literários, sempre vestidos com elegância, donaire. Foram os caixeiros viajantes em parte responsáveis pela divulgação da cultura, artes, o cultivo das letras nos mais diversos e distantes recantos do País, incluindo a divulgação de escritores e poetas, a exemplo de Casimiro de Abreu, Castro Alves, José de Alencar, Bernardo Guimarães, conhecidos, admirados e declamados Brasil afora.

A atividade comercial dos caixeiros viajantes seria fundamental para o desenvolvimento do Brasil, levando inovação, comodidade, progresso aos mais distanciados rincões pátrios. Conquistariam eles muitos amigos, fortaleceriam relações sociais, afetivas e familiares (muitos se casariam com mulheres da região). Vender e cobrar eram as atribuições delegadas pelos empregadores aos caixeiros viajantes, o que lhes exigiam duas facetas: para vender, toda gentileza e cavalheirismo; para cobrar, tinham que empregar firmeza, sisudez, por vezes rigidez, quando não extrapolando-se regras de urbanidade, o caso resolvia-se no pau. Arrecadavam pagamentos, expediam faturas, orientavam os negociantes do lugar, serviam de agentes financeiros numa época em que não havia rede bancária consolidada.

Personagens inconfundíveis, convivendo diuturnamente com o desconforto, asperezas e incertezas de uma existência nômade, perigos por todo o percurso, seja no lombo de burros, a bordo de sacolejantes ônibus, arquejantes e asfixiantes trens;⁽⁸⁾ amigos de hoteleiros, proprietários de cinemas, dos senhorios das casas noturnas⁽⁹⁾ e em especial de negociantes interioranos, a quem levavam mercadorias, crédito, orientação. O lado folclórico, caricato – e, em alguns casos, trágico – da profissão: os caixeiros viajantes levavam igualmente desassossego aos pais de mocinhas ingênuas e casadoiras das pequenas cidades, enfrentando, pois, a indignação de famílias, de namorados ou mari-



dos traídos, quando não tragédias e escândalos⁽¹⁰⁾. O trabalho era árduo, cotidiano, vida espartana, muitas vezes recompensada com a ascensão econômica e social, atingindo a condição de proprietário ou comerciante estabelecido em cidades da região ou mesmo a capital.

“Os caixeiros viajantes eram peças extremamente importantes na engrenagem de funcionamento das lojas e dos negócios. Realizavam os pagamentos e cobranças, cuidando ainda de toda a escrituração dos negócios dos patrões. O fato de conhecerem os mecanismos de escrituração mercantil tornou-os indispensáveis aos comerciantes da Corte” (Lenira Menezes Martinho e Riva Gorenstein – “Negociantes e caixeiros na sociedade da Independência” Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1993, p. 38).

Os caixeiros viajantes, em particular os do ramo médico-farmacêutico, passavam por treinamentos rígidos, extenuantes – os famosos, temidos esquetes –⁽¹¹⁾ principalmente após o advento da penicilina⁽¹²⁾ tinham que entender bem do produto a ser vendido, conhecimento técnico-científico, noções de relações públicas e humanas, pois cada cliente tinha uma personalidade e comportamento distintos. Ter boa aparência, indumentária alinhada, entonação fluente, um verdadeiro ator, a que se somavam perspicácia, inteligência, raciocínio rápido e convincente.

Articulados, influentes, os caixeiros viajantes tornar-se-iam, outrossim, uma espécie de banqueiros, pois atuavam – e por vezes monopolizavam – a compra e venda de mercadorias, centralizando grande volume de recursos. Ao concentrar informações e novidades, hauridas das capitais e da Corte, passavam a orientar agricultores sobre plantio e mercado agrícola, bem como comerciantes sobre técnicas de vendas, contabilidade, mudanças na legislação do setor, em suma, homens bem informados numa época em que a comunicação praticamente não chegava às pequenas cidades interioranas. Passaram a compor um amplo escopo econômico e político, tornando-se, vários deles, grandes e prestigiados empresários ou mesmo políticos, constituindo fortunas, fortes estratégias e redes de relacionamentos sociais e familiares. Hoje em desuso, o caixeiro viajante foi substituído pelo representante comercial, promotor de vendas, influencer, com larga atuação nas redes midiáticas modernas. O advento de supermercados, por sua vez, com a venda direta ao consumidor, passou a exigir a reciclagem de vendedores, envolvendo técnicas de marketing, psicologia de consumo, informática etc.

FONTES: Arnaldo Moura – “Memórias de um caixeiro viajante 1929-1940” São Paulo, Ed. Pax, 1993

Leopoldo Alves – “Histórias e estórias do caixeiro viajante” Salvador/BA, Ed. Comtemp, 1979

Paulo Palumbo – “Minha vida de caixeiro viajante” São João Del-Rei, Ed. Autor, 1988

NOTAS

(1) – Os caixeiros viajantes vendiam de tudo: louças, fazendas e cortes de tecidos, produtos lácteos, chapéus, calçados, guarda-chuvas, estivas e ferragens, medicamentos, apólices de seguros e títulos de capitalização (ver Box) artigos de costura (linhas, agulhas, cordões, novelos, fecho elcric etc.), artigos religiosos, perfumes, bugangas em geral, insumos agropecuários, máquinas e motores agrícolas, alimentos em geral, graxas e lubrificantes, peças e acessórios para veículos, armarinhos etc. Muitos eram conhecidos por apelidos, ligados aos produtos vendidos, à empresa à qual representavam (lembram-se do sr. Alcides da Casa Alves Netto?) ou alguma característica física ou quem sabe o comportamento ou peculiaridade demonstradas (astúcia, sagacidade) exigidas pela desafiadora profissão.

O viajante que atendia somente determinada praça (cidade), geralmente aquelas de maior ou grande porte econômico, eram denominados praticistas.

(2) Hierarquia/funções de uma empresa da época (atacadista) – o empregado, geralmente um rapazinho aprendiz, que cuidava da limpeza das instalações, remoção de caixotes vazios etc.; – o caixeiro, encarregado da arrumação das peças de fazendas e/ou mercadorias nas prateleiras e ainda depósitos, o encaixotamento e despacho dos pedidos vindos dos clientes do interior etc.; – 1º caixeiro, supervisor responsável pela distribuição e acompanhamento dos serviços feitos pelos demais caixeiros; – o caixeiro-viajante, representante da firma, encarregado de vender e receber Pais afora; – o guarda-livros, o contabilista da época; – o correspondente, responsável pelas correspondências, inicialmente todas feitas à mão e depois datilografadas, com o surgimento das máquinas de escrever; – os caixas e auxiliares; – os faturistas; – os conferentes; – o chefe de escritório; – o interessado, uma espécie de sócio do empreendimento e enfim o proprietário.

Todos os funcionários do ramo atacadista genericamente conhecidos como caixeiros do comércio; os caixeiros de armarinhos eram os das casas varejistas e os caixeiros de armazéns eram os das casas de molhados (gêneros alimentícios).

(3) O caixeiro viajante surgiu como intermediário entre o atacadista e o varejista, levando às picadas mais remotas do País, às novidades oferecidas pelas casas comerciais importadoras e indústrias (parques industriais). Um transportador de notícias e novidades, em época em que jornais e correspondências chegavam, a custo, aos nossos rincões. Um mediador de vendas

entre o comerciante e o colono local. Muitos dos caixeiros viajantes residiam nas capitais ou cidades pólo regional e suas viagens ao interior inóspito podiam durar semanas, meses. As casas de vendas, ao longo das estradas ou povoações, eram, via de regra, parada obrigatória para negociar, conversar, repousar, mesmo namorar, participar da vida social local.

Ampliando seu raio de atuação, clientela aumentada, o caixeiro viajante adquiria mais muare, formando tropas de até 30/40 animais com a ajuda de peões locais para entrega das mercadorias. Com a implantação e serviços de rede ferroviária e/ou ainda rodoviária, os caixeiros viajantes passaram a utilizar-se das novas estruturas e logísticas viárias para deslocamentos e entrega dos produtos vendidos, alcançando as pequenas, esquecidas, anônimas cidades, em si hospitaleiras, bucólicas, muitas delas sobreviventes de um passado faustoso (antigas vilas mineradoras, por exemplo).

(4) Sobre a argúcia, astúcia e sagacidade de comerciantes portugueses estabelecidos no Rio de Janeiro, recomendamos a leitura das obras do escritor e empresário francês Charles Expilly, que viveu no final do século XIX.

(5) O conto ou logro do “comprador fantasma” – Caixeiros viajantes novatos, calouros, lançados ao fragor do mercado, obviamente ansiosos por cumprir metas, obter vendas significativas; sofriam, porém, processos de gozações por parte dos colegas mais antigos. Reunidos em hotéis, onde se hospedavam a trabalho, observando a condição de algum iniciante, preparavam-lhe, sob a coordenação de um dos veteranos, uma armadilha. Chamando o calouro à parte, dizia-lhe, de forma pretensamente paternal, que, à hora do jantar, apresentar-lhe-ia um grande freguês de passagem pela cidade, residente em cidade de difícil acesso, coincidentemente hospedado no hotel.

Os demais caixeiros viajantes, conhecedores de antemão do ritual, preparados previamente pelo veterano, apregoavam, ruidosamente, terem feito consideráveis pedidos de tal freguês. Assim, findo o jantar, outro viajante, adremente preparado para a encenação, na figura de um enigmático, poderoso e garboso empresário do interior, adentra o salão, sendo apresentado ao novato. O grupo de viajantes retira-se estrategicamente, deixando a dupla na sala de refeições. Minutos, horas se passam. O novato vendendo, o negociante comprando quantidades jamais imaginadas pelo vendedor neófito. Este, encerrada a venda, reúne-se, eufórico, ao conjunto dos demais viajantes no hall do hotel, enumerando-lhes a fantástica venda, que ultrapassara, de vez, a cota de meses. Bendita apresentação!

O veterano faz, então, um grito de convocação geral, parabenizando o iniciante, dizendo-lhe: – Celebração! Vamos comemorar, por sua conta (no que é atendido) – Todos ao bar, onde são servidos carnes, bebidas, acepipes à vontade, às custas do ludibriado vendedor, que, encerrado o festim, é chamado à parte pelo veterano e o que se fizera de comprador, dizendo-lhe: – É um blefe!

(6) Um dito ou provérbio circulava entre os caixeiros, em si pedantes, ostentadores que se consideravam superiores e recusavam advertências ou questionamentos por parte das firmas empregadoras: “Automóvel, brilhante, mulher e viajante só tem quem pode”.

Por outro lado, muitos dos viajantes novatos eram cognominados de “garapeiros” – assim apelidados pelos caixeiros da velha guarda – pois vender era, em si, um trabalho inglório, sem tréguas, estafante.

(7) Viajando com consideráveis quantias em dinheiro, eram os caixeiros viajantes vítimas de frequentes assaltos, emboscadas, daí andarem, via de regra, armados, utilizando-se de revólver Colt 38, espingarda calibre 16, garucha calibre 28, beretas, carabinas etc. Muitos viriam a ser assassinados em sua espinhosa profissão.

(8) Nas décadas iniciais do século XX, surgiram os primeiros automóveis Ford, os famosos “fubicas” e “jabiracas”, com suas peripécias, motor cadenciado, os quatro pneus rompendo estradas traiçoeiras, abafadiças, a capota de lona sacudindo, o inseparável “chicão” (macaco), o que permitia alguma comodidade nas viagens. Após a 2ª Guerra Mundial, os caixeiros viajantes passaram a se deslocar pelo País, a bordo de possantes jipes Land Rover e Willys, ampliando/agilizando fortemente os negócios pelo interior do País. Por essa época, com a energia elétrica chegando a todo o interior, surgiram as primeiras rádios com seus jingles divulgando produtos; os jornais chegavam às localidades igualmente com anúncios publicitários; instalavam-se alto-falantes – a propaganda chegava às cidades antes do vendedor.

(9) Eram tempos de cassinos, cabarés muito frequentados habitualmente pelos caixeiros viajantes em inesquecíveis, pecaminosas noites e de amor livre. Muitos desses estabelecimentos funcionavam em amplos espaços, com elegantes salões de danças, notável orquestra, garçons apurados, comida e bebida farta e de qualidade, pôquer e bacará à solta, sedutoras garotas. A volúpia, o prazer, sensualidades saltando ao ar, por quartos e camarins, ostentando os frequentadores a ginga e a pinta de caboretier. Figuras humanas em intermitente movimento, barulho de cartas, corpos, intimidades sob o denso véu dos sentimentos, os mais incontroláveis instintos.

(10) Muitos caixeiros viajantes eram irreverentes, não se atinham às regras estipuladas pelas firmas (patrões); traziam inquietudes, desassossego, ademais, às cidades por onde transitavam, em especial a famílias e proprietários de pensões e hospedarias com filhas solteiras sob seu teto. Levavam a pecha de vilão, de suspeição. Nômades, ladinos, envolviam-se, ardissoamente, com jovens ingênuas ou mesmo já maduras, deixando para trás desonra, filhos bastardos, infortúnios a povoarem os desolados rincões. Dizia-se que, tendo um arsenal de sutilezas e malandrices, sempre achavam uma brecha por onde escapular, tirando, assim, coelhos da cartola.

Envolviam-se muitos deles com as quarteleiras e arrumadeiras de pensões e hotéis, mulheres em sua maioria de origem pobre, sofridas, mal-re-

muneradas, semiescravidadas, carentes de posses e afetos, que se entregavam aos desejos carnavais e seduções fortuitas com os hóspedes itinerantes...

(11) *Esquete* (do inglês *sketch*) refere-se a pequenas peças ou encenações, de conteúdo dramático ou cômico-humorístico, de curto diálogo, rápida duração, comuns em espetáculos teatrais, circenses, café-concerto e mesmo no cinema e televisão (programas de calouros comuns no final do século passado). Uma estratégia ou sutileza nos grupos teatrais, circenses e afins para distrair a plateia, enquanto cenários eram mudados e figurantes/coristas trocavam de trajes nos camarins.

As empresas comerciais utilizavam-se de treinamentos/encenações onde vendedores, antes de serem encaminhados ao mercado, eram exercitados, adestrados, expostos a situações de venda, por vezes aflitivas, constrangedoras, inquisitoriais. Uma forma de medir o nível de aproveitamento, capacitação e qualificação da equipe de vendedores. Os arguidores criavam/urdiavam situações extravagantes, quiméricas, estapafúrdias, quando não sarcásticas, hilariantes, humilhantes e que nos dias atuais seriam crimes, punidos pela justiça trabalhista e cível. O viajante de laboratório, por exemplo, tinha que ser bem treinado, eficiente, versátil, invulgar presença de espírito, habilidoso, polivalente em sua função, além de assimilar as técnicas de venda e propaganda médica, tinham que conhecer um pouco – ou muito – de psicologia (dadas as argúcias escondidas atrás de cada jaleco dos experientes médicos e farmacêuticos); tinha que inteirar-se de posologia (o que era grama, miligrama, drágea, capsula etc.; o que era remédio de uso oral, injetável, deglutível, retal); um pouco de química com seu labirinto de fórmulas, o que era quimioterápico, antibiótico; composição de remédios; um tanto de fisiologia, a fim de entender *vademécuns*, bulas etc.

O sair-se bem de situações embaraçosas, usando perspicácia, persistência, inteligência. Ser enciclopédico, familiarizado com modernas técnicas de abordagem, os segredos e componentes de cada medicamento (sulfas, pílulas, elixires, desidratados) estratégias de diálogos de visitação a médicos e farmacêuticos – os *esculápios* de então – o que envolvia astúcia, muita lábia, arrojo, vivacidade.

As empresas, em especial laboratórios, nos esquetes, contratavam pessoal qualificado, com conhecimentos médico-farmacêuticos (na condição de atores), alguém gabaritado ou especialista, que faziam as vezes de médico ou farmacêutico. Montava-se/adaptava-se um consultório, onde o ator-especialista, por vezes atrabiliário, impertinente, levava em suas encenações/simulações, os candidatos a situações embaraçosas, vexatórias, truncando os assuntos, debochando dos candidatos, figurando situações difíceis ou impossíveis de acontecer em uma venda real. Era como se estar diante de um patíbulo!

Os esquetes eram realizados com grupos ou equipes de vendedores. Cada candidato, convocado ali à frente, sendo inquirido pelo especialista sádico, sofria, por outro lado, pilhérias e achaques dos demais colegas – que ali faziam a função de jurados – que, na ânsia de sobressair, ganhar a vaga, a simpatia do interrogador, viam somente os erros, o lado negativo do candidato, nunca os fatores positivos.

(12) A descoberta da penicilina iria revolucionar a medicina da época, exigindo reciclagem/re treinamento de todos os profissionais das áreas médico-hospitalar, farmacêutica e de vendedores. Os viajantes de laboratório e vendedores de remédios levavam aos médicos e farmacêuticos interioranos notícias científicas e às cidades mais distantes as últimas novidades e conquistas da tecnologia científica. Tinha o vendedor de remédios que acumular conhecimento técnico-científico, ser propagandista do remédio (por ele ofertado), ser relações públicas vendendo a imagem do laboratório fabricante e a sua própria e ainda...vendedor!

Farmácias abriam, às dúzias e às glosas, pelos bairros e periferias das cidades, pelo interior afora como babados em fantasias de pierrô, um mercado a ser disputado por enxames de garapeiros. Havia uma quadra a respeito: “Raíou o sol / Raíou a lua / mais uma farmácia / no meio da rua”. Uma concorrência de dezenas de drogarias e laboratórios fabricantes e só para se ter uma ideia, remédios para males do fígado existiam em oferta, à época, mais de 200 – o que exigia de cada garapeiro visitar mais e mais praças, mais e mais médicos e farmácias numa trajetória desvaireada, um fastidioso frenesi.

Lidavam, ademais, com toda sorte de clientes, corretos vários, outros desonestos, tantos quantos dissimulados, extravagantes (o farmacêutico que só atendia os viajantes após as 20h e cujo ritual de compra se estendia madrugada adentro...).

TÍTULOS DE CAPITALIZAÇÃO E DE PREVIDENCIA PRIVADA

Um dos maiores golpes praticados por vendedores, em inícios do século XX, foi o de capitalização de títulos, especialmente os da empresa SulAmérica ou ainda as chamadas “Cadernetas milionárias” com mirabolantes ofertas de premiações com perspectivas de ganhar vultosos prêmios. Pessoas de melhor condição financeira e social, por esses nossos rincões, eram abordadas por vendedores, e convencidas a aplicar – adquirir – títulos de capitalização, a serem resgatados daí a 10, 20, 30 anos com valores finais de “encher os olhos”. Vários fazendeiros, por exemplo, caíram na armadilha, falecendo vários deles antes de atingir o tempo acordado de resgate. Tempos em que não havia código de defesa do consumidor, nem órgãos reguladores como a SUSEP. Ao se tentar resgatar o título, se é que conseguiam chegar até a empresa (sede em São Paulo), a informação é de aquele documento perdera a validade, não era mais reconhecido pela empresa, não passando de uma “peça de museu” ou a ser jogado na lixeira.

Outros golpes similares foram praticados por montepios ou pecúlios militares, que vendiam, Brasil afora, títulos de previdência privada – dentre tantos o Montepio da Família Militar, GboEx, Caixa de Pecúlios e Pensões Capemi, Montepio Mongeral – com a promessa documentada de que, ao final, conforme os valores capitalizados de contribuição mensal, seriam aposentados com soldos proporcionais aos de capital, maior, coronel etc.

Corretores impecavelmente vestidos, bem falantes, visitavam escolas, bancos, residências, empresas em geral, oferecendo aposentadorias de luxo para funcionários e cidadãos locais. Traziam consigo uma carta de apresentação assinada por um general, com timbres oficiais – falsa ou não – com promessas de aposentadorias correspondentes aos soldos de altos oficiais do Exército.

Quem confiou, ficou a ver navios...

Célebres caixeiros viajantes de nosso meio: Paulo Palumbo – Joaquim Antunes – Horácio Marques

Títulos de capitalização (golpes da SulAmérica), pecúlios de previdência privada (Montepio da família militar, etc.) Grupos de consórcios a exemplo do UniAuto e Liderauto que, em inícios do atual século, lesaram milhares de participantes.

Algumas grandes firmas atacadistas paulistas da época:

Moinho Santista / Araujo Costa & Cia / Martins Costa & Cia / Augusto Rodrigues & Cia / Barros & Cia / MJ Moreira & Cia / Tecidos Onofre Antinori & Cia / Casa Nazaretti Teixeira / Ribeiro & Marques & Cia

A FIGURA DO CAIXEIRO VIAJANTE NA LITERATURA, CINEMA E TELEVISÃO

A figura do caixeiro viajante é tema recorrente na literatura, televisão e cinema, tanto brasileira quanto internacional, profissionais que adentravam os sertões do País e, através da venda de mercadorias e serviços, modernizavam o comércio, difundiam notícias e novos costumes, inclusive europeus, interligavam as cidadezinhas aos grandes centros, trazendo rupturas na vida interiorana, nem sempre positivas...

▷ Cinema – O filme “A morte do caixeiro viajante” (“Death of salesman”) baseado na peça teatral do mesmo nome de Arthur Miller, escrita em 1949, onde retrata a vida do personagem Willy Loman, um caixeiro viajante com seus traumas familiares, conflitos pessoais e sociais, levando-o ao declínio.

▷ O filme-documentário iraniano “O caixeiro viajante” (2016) onde aborda a difícil vida do vendedor e os impactos psicológicos de sua profissão.

▷ Na teledramaturgia brasileira, o personagem caixeiro viajante mais proeminente foi Seu Quequé, interpretado por Ney Latorraca, na minissérie “Rabo de Saia” (1984). Figura central na história, movimentando-se como vendedor ambulante por várias localidades, Seu Quequé levava vida dupla, aliás tripla, tendo três esposas em três cidades diferentes.

▷ Na novela “Além da Ilusão”, o personagem Ambrósio, interpretado por Emmílio Moreira, tem também vida ambígua (dupla).

▷ No filme “O homem que desafiou o diabo” o personagem Zé Araújo, interpretado por Marcos Palmeira, é igualmente um caixeiro viajante.

▷ Na novela “O cravo e a rosa”, o personagem Batista, interpretado por Luis Melo, finge ser um caixeiro viajante, sendo, na prática, um rico banqueiro.

▷ Obra “Vila dos Confins”, o autor Mário Palmério relata as peripécias do personagem Xixi Piriá, um caixeiro viajante em suas andanças pelos esquecidos sertões brasileiros.

▷ “O caixeiro viajante”, de José Pais de Carvalho, narra a chegada de um caixeiro viajante em pequena cidade e os transtornos causados aos costumes locais.

▷ “O abrigo de Kulê”, também editado em HQ, autoria de Juliana Valentim, narra a história de Gabriel, um caixeiro viajante, que muda a vida dos moradores do lugarejo e, em especial, de Maria, uma jovem local.

▷ “On the road”, autoria de Anatol Rosenfeld, intelectual judeu alemão, que, ante a perseguição nazista, fugiu para o Brasil em 1937; aqui o autor trabalhou inicialmente como colono de fazenda e ainda caixeiro viajante e, nessa condição, viajaria por quase todo o Brasil, conhecendo bem nosso País e obtendo sucesso profissional.

▷ “A Metamorfose”, de Franz Kafka, que retrata a história de um caixeiro viajante, Gregor Samsa, transformado em horripilante inseto.

▷ “Kramp” da chilena Maria José Ferrada, narra a saga de uma menina de sete anos que acompanha o pai em suas atividades nômades de caixeiro viajante.

A HISTÓRIA E A VIACRUCIS DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL

A primeira cooperativa de crédito brasileira data de 1902, implantada pelo padre jesuíta suíço Theodor Amstad em Nova Petrópolis (RS). Pe. Theodor era conhecedor das experiências cooperativistas de crédito desenvolvidas por Friedrich Wilhelm Raiffeisen (1818-1888) na Alemanha, transplantando-as com sucesso para o sul do Brasil junto a colonos alemães. Eram as chamadas “Caixas de economia e empréstimos” ou simplesmente “caixas rurais” assim conhecidas à época, criadas então por Pe. Amstad, aplicadas às pequenas comunidades rurais e vilas de colonos, embasadas na honestidade de seus cooperados. Os depósitos operados pelos associados recebiam pequena remuneração. Qualquer pessoa poderia ali movimentar suas economias e com as sobras do exercício criaram-se fundos de reserva para segurança da sociedade nos momentos eventualmente difíceis e incertos.

Há que se registrar, porém, e com ênfase, a existência da “Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto”, fundada em 1889, embora uma cooperativa de consumo, incluía em seus estatutos, artigos 41 a 44, a existência de uma “caixa de auxílios e socorros” (socorro mútuo), o que na avaliação do escritor e pesquisador Marcos Henriques Pinheiro, correspondia ou se assemelhava às seções de crédito das cooperativas mistas (“Cooperativa de crédito: história da evolução normativa no Brasil” BACEN, Brasília/DF, 2005, p.14).

Outras cooperativas financeiras surgiram sob a vigorosa batuta de Pe. Amstad, dentre elas a de Lajeado (RS), esta no modelo Luzzati, de livre admissão. Tais cooperativas, seguindo o seu criador Luigi Luzzati (1841-1927), pensador italiano, diferenciavam-se do modelo alemão, exigindo pouco capital quando da admissão do associado, tendo como público-alvo pequenos empresários, comerciantes, industriais, artesãos, assalariados, adquirindo então grande aceitação em solo brasileiro e vindo a sofrer, no futuro, pesada repressão pelo establishment governamental do País, mormente nos regimes de exceção (em especial na vigência do Regime Militar).

Pelo decreto legislativo n. 22.239 de 19-12-1932 – um dos normativos sumamente restritivos e rebarbativos ao crescimento e expansão do movimento cooperativista de crédito – as cooperativas que seguiam o modelo Raiffeisen deveriam cumprir as seguintes normas: ausência de capital social, indivisibilidade dos lucros; área de atuação circunscrita ao distrito municipal (não podendo, em hipótese alguma, exceder o limite territorial do município sede); os empréstimos destinados tão somente ao fomento rural, não podendo ser utilizados/aplicados no consumo. Quanto às cooperativas que seguiam o modelo Luzzati, deveriam observar as regras seguintes: capital social dividido em quotas partes de reduzido valor; responsabilidade limitada ao valor da quota parte subscrita; área de atuação circunscrita ao território do município-sede.

O citado decreto n. 22.239/32 regulamentou, ademais, a criação e funcionamento de cooperativas centrais, conceituando ainda quatro tipos de cooperativas de crédito singulares. I – cooperativas de crédito agrícola, modelo Raiffeisen, que deveriam ter, no seu quadro social, no mínimo 60% de agricultores; II – cooperativas de crédito mútuo, modelo Desjardins, tornando obrigatório o vínculo entre os associados, seja por empresa, profissão ou classe; III – cooperativas populares de crédito, modelo Luzzati, que permitiam a livre admissão de associados, independente do ramo de trabalho ou profissão; IV – cooperativas de crédito profissionais de classe ou empresas, desde que tivessem características comuns entre si (uma dessas cooperativas foi a cooperativa de crédito dos funcionários da matriz do BANRISUL Ltda, fundada em 1946, atualmente conhecida como BanriCoop).

No período entre 1930 e 1950, foram constituídas aproximadamente 1.200 cooperativas de crédito do modelo Luzzati, produzindo considerável desenvolvimento aos seus associados. Tal modelo, embora dotado de excepcional êxito inicial, ao não se verticalizar – ausência de uma cooperativa central – permitiu a ação de aventureiros e de falsas sociedades mormente nos grandes centros, denegrindo a imagem do cooperativismo de crédito e particularmente do sistema Luzzati. O crédito mútuo brasileiro, por sua vez, se expandiria e seria impulsionado com o apoio da Credit Union National Association-CUNA, central de crédito mútuo norte-americana, tendo sido constituída em 03-08-1961 a Federação Leste Meridional das Cooperativas de Crédito, com sede no Rio de Janeiro, objetivando a unificação do sistema e o fomento do crédito mútuo no País.

As cooperativas de crédito, a partir de 1951, contariam com o apoio e amparo do Banco Nacional de Crédito Cooperativo-BNCC que processava a compensação de cheques, além de repasses financeiros, o que perdurou até 1991 quando este foi extinto pelo caótico governo Collor. O BNCC, jurisdição ao Ministério da Agricultura, foi criado pela Lei n. 1412/51 em sucessão à Caixa de Crédito Cooperativo (1943), com controle acionário da União, cerca de 60% do capital, permitindo às cooperativas a detenção de 40% do capital e acesso à câmara de compensação de cheques. Durante o regime militar, as autoridades governamentais reprimiram sobremaneira o funcionamento das cooperativas de crédito, impedindo-as de captar recursos em depósitos a prazo (aplicações), não havendo, pois, estímulos ao associado deixar seus recursos parados na cooperativa a custo zero. As taxas de juros dos empréstimos foram igualmente controladas ou “carimbadas”. Assim 80% da carteira de crédito tinha que ser alocada no segmento rural à taxa máxima de 13% a/a e os restantes 20% poderiam ser emprestados no máximo a 24% a/a. O engessamento das taxas de juros inviabilizava a existência da instituição, pois a inflação atingia, em alguns exer-

cícios, índices elevadíssimos – 91,8% (1964), 22% (1968)

O Cooperativismo de Crédito viveria uma era negra entre as décadas de 1960 (com piora sensível pós 1964) o que se estenderia até meados de 1980, quando ocorre um impulso para a recriação/reformulação das cooperativas do sistema. Fora, nesse período (1964 a 1985) uma política repressiva, de terra arrasada. Em 12-11-1962, o Conselho de Ministros sobrestou as autorizações e os registros de novas cooperativas de crédito ou com seções de crédito, o que geraria um definhamento do cooperativismo no País. Frise-se que, ao final de 1961, segundo dados do Banco Central, existiam no Brasil 511 cooperativas de crédito com 547.854 associados. Em meados de 1980, eram apenas 430 cooperativas, sendo 11 delas no Rio Grande do Sul. A Resolução n. 15/1966 estabeleceu, por sua vez, que as cooperativas de crédito e seções de crédito de cooperativas mistas somente podiam acolher depósitos de seus associados, vedando, ainda, distribuir eventuais sobras apuradas entre os associados. Uma interferência brutal, despótica!

A Lei n. 4595/64, por sua vez, equiparou as cooperativas de crédito de qualquer natureza às demais instituições financeiras, transferindo ao Banco Central as atribuições até então consignadas por lei ao Ministério da Agricultura, no tocante à autorização de funcionamento e fiscalização das citadas cooperativas de crédito e ainda das seções de crédito das cooperativas que as tivessem. A referida lei definiu ainda que somente dois tipos de cooperativas de crédito poderiam existir: as de crédito rural e as de crédito mútuo, constituídas estas por empregados de uma mesma empresa ou entidade pública ou privada. Com essa aberrante decisão, ficava vedada a criação de cooperativas do tipo Luzzati (livre admissão), o que seria ratificado pela Resolução n. 15/1966, decisão que seria somente – e sabiamente – reformada pela Resolução n. 2106/2003, com inovadora visão das autoridades monetárias, que permitia a criação de cooperativas de crédito de livre admissão, sem vínculo profissional entre os associados.

A Resolução n. 11/1965, em plena vigência do regime militar, iria além em sua devastação determinando a extinção de todas as atividades creditórias exercidas pelas sucursais, filiais, agências, departamentos, escritórios ou qualquer espécie de dependência existentes no âmbito das cooperativas de crédito. Imensos prejuízos para associados produtores rurais e comunidades interioranas que ficariam sem a atuação da cooperativa in-loco. Vedava ainda às cooperativas o uso da palavra “banco” em sua denominação ou operacionalização. Somente em 1994, já com novo viés, através da Resolução n. 2099, o BACEN voltou a permitir a abertura de filiais e unidades de atendimento por parte das cooperativas de crédito.

O cooperativismo de crédito rural ressurgiria das cinzas, pós regime militar, qual vigorosa Fênix, graças aos esforços de várias lideranças, dentre elas o cooperativista gaúcho Mário Kruehl Guimarães, que ante as altas taxas de juros praticadas pelas instituições financeiras na concessão de crédito, coordenou um grupo de cooperativistas e agricultores, que constituíram em 1981 a Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul Ltda, sob a sigla COCECER, criando-se, a partir daí e das remanescentes, cerca de 30 outras cooperativas singulares. O movimento se estenderia vitoriosamente aos Estados do Paraná e Santa Catarina (1984), chegando célere a outros Estados, inclusive Minas Gerais (1985), aqui com o apoio explícito da OCEMG à época do presidente Dilson Dutra, quando surgem as primeiras unidades pioneiras, culminando com a fundação da Cooperativa Central de Crédito Rural-CREDIMINAS (1988). Outro líder gigante foi o Dr. Roberto Rodrigues, paulista, que levaria o cooperativismo de crédito a grande salto sistêmico nacional.

A Constituição Federal 1988, em seu artigo 192, descortinaria novos promissores cenários para o movimento, incluindo o cooperativismo de crédito no sistema financeiro nacional, o que viria a ser normatizado e reconhecido pela LC 130/2009. Em 21-03-1990, o governo Collor extingue o BNCC, deixando as cooperativas de crédito simplesmente náufragas, à matroca, sem dispor de compensação de seus cheques, obrigando-as a traumáticos convênios com outras instituições financeiras, principalmente bancos oficiais. Somente com a Resolução n. 2193/95 é que o Conselho Monetário Nacional permite a criação de bancos comerciais do próprio sistema, controlados pelas próprias cooperativas, daí surgindo o BANSICREDI S/A e o BANCOOB/SICOOB S/A.

O cooperativismo de crédito foi se fortalecendo e se consolidando institucionalmente graças também à nova visão das autoridades políticas e monetárias e ainda à normatização, centralização e profissionalização do sistema, com crescimento considerável e consistente, prestando inequívocos serviços à economia nacional, mormente nas regiões mais carenciadas do País. Assim, em 2012, pela Resolução n. 4150, o Conselho Monetário Nacional determinou a obrigatoriedade das cooperativas de crédito contribuírem para o seu próprio fundo garantidor (FGCoop), emprestando sustentabilidade e confiabilidade ao sistema.

O sistema cooperativista de crédito hoje, em processo de consolidação e expansão, propicia atendimento direto a cerca de 20 milhões de associados, e comunidades em todo o País, impactando em especial a pequenas cidades interioranas, desprovidas de atenção financeira por outros agentes comerciais e/ou públicos, mediante o acesso/democratização do crédito, o combate a desigualdades sociais, projetos assertivos nas áreas de educação financeira, sustentabilidade ambiental e afins./R/



Reprodução – Padre Cícero e Lampião

1926 – 2026

O encontro de Lampião e Padre Cícero completou 100 anos

Avanço da Coluna Prestes para a região nordeste estimulou encontro histórico entre Lampião e Padre Cícero no Ceará.

Brasil de Fato – No dia 4 de março de 1926, há exatos 100 anos, acontecia em Juazeiro um encontro entre duas figuras emblemáticas para o Nordeste brasileiro. Nesta data, Virgulino Ferreira, o Lampião, e Padre Cícero estiveram juntos em Juazeiro do Norte (CE), até onde se sabe, pela primeira e única vez na história.

Em entrevista ao *Conversa Bem Viver*, do Brasil de Fato, o jornalista, escritor e autor do livro ‘O Santo e o Cangaceiro’, Robério Santos, trouxe detalhes desse fato que ficou marcado na história.

Robério relata que o responsável indireto desse encontro na região do Cariri foi Luís Carlos Prestes, isso porque ele liderava a Coluna Prestes, que realizava sua marcha pelo interior do Brasil combatendo as tropas do governo de Artur Bernardes.

Temendo que a Coluna entrasse em Juazeiro, Floro Bartolomeu, então deputado, convidou Lampião e seus cangaceiros a fortalecer os batalhões patrióticos, oferecendo a Lampião uma falsa patente de capitão.

O encontro entre Padre Cícero e Lampião não foi registrado em imagem, mas ficou no imaginário de todo o Brasil.

Confira a entrevista completa

Dá para dizer que se não fosse por Prestes, talvez Lampião e Padre Cícero nunca teriam se encontrado? Gostaria que você falasse mais sobre esse evento.

Talvez tivesse acontecido esse encontro, mas não nessa ocasião. Porque Lampião tinha uma devoção muito grande pelo

Padre Cícero. Se você prestar atenção, as roupas dos cangaceiros tinham bottons com o rosto do Padre Cícero, para você ver o nível da devoção que eles tinham. E a família de Lampião morava no Juazeiro.

Eu acredito que cedo ou tarde Lampião teria ido a Juazeiro do Norte para uma outra ocasião, visitar a família, ou qualquer coisa desse tipo. Porém, dentro desse contexto, dentro dessa ocasião, Luís Carlos Prestes foi de uma importância. Não só Prestes, mas também o Floro Bartolomeu, pois parte dele esse convite para Lampião engrossar os batalhões patrióticos que eram criados para combater a coluna Prestes.

Um cangaceiro vale por dez civis sem preparação alguma. Ele já está preparado, conhece o mato, conhece o terreno, conhece armas, conhece táticas de guerra. Foram convidados 50 cabras – Lampião mais 49 – para ir ao Juazeiro do Norte receber uma patente que, na verdade, se tornou uma falácia, porque não tinha eficácia alguma. Mas havia também a promessa de novas armas e novos fardamentos.

Apesar disso, Lampião ainda saiu ganhando nessa história toda. Ele chega no Juazeiro, descansa por 4 dias, visita a família, dá entrevista, tira fotografia, conhece o grande líder espiritual do Nordeste que é o Padre Cícero, recebe essa falsa patente e, coincidência ou não, depois disso ele começa a se autodenominar capitão.

Nas cartas anteriores ao Juazeiro era só “Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião”. Ele escrevia assim nas cartas. Depois desse fato, inclusive no domingo mesmo (dia 7 de março), ele já escreve uma carta para o delegado, (a carta na íntegra, com



a letra e grafia de Lampião, está no meu livro) e no final ele já assina como “capitão Lampião”.

Dá para dizer que Lampião, que era uma pessoa que causava temores, uma única vez na história foi recebido como rei ou como capitão?

Os jornais enchiam a ideia de que Lampião foi recebido com aplausos. Eram 50 cavaleiros em fila indiana, 24 cangaceiros de um lado, 24 do outro. Na frente, Lampião e Sabino, entrando no Juazeiro do Norte, naquela quinta-feira de 4 de março de 1926, enfileirados à noite.

Voltando um pouquinho no tempo, Lampião recebe esse convite para ir ao Juazeiro e, receber essa patente. Receber dinheiro, obviamente, pelo trabalho prestado. Conhecer o padre Cícero já estava nos planos dele.

Lampião chega lá e recebe a notícia de que não era para ele ir mais para o Juazeiro do Norte. Porque Floro Bartolomeu estava no Rio de Janeiro, adoentado. E estava. Lampião saiu [de Juazeiro] dia 7, e Floro morreu no dia 8 no Rio de Janeiro.

Lampião chega na entrada do Juazeiro do Norte e diz: “Já que estou aqui, eu vou. Não vou voltar de jeito nenhum.” E entra no Juazeiro Triunfante. Nesse mesmo dia, ele já recebe a visita do padre Cícero para dizer que estava garantido que ninguém iria mexer com ele, contanto que ele também não mexesse com ninguém. Ele também aconselhou Lampião a deixar o cangaço. Lampião disse: “Só daqui a 3 anos”.

No outro dia, Lampião começa as movimentações. É quando ele recebe essa falsa patente que, na verdade, muitas pessoas acham que tem uma serventia.

Nesse mesmo dia, Benjamim Abraão,, o mesmo que fez as fotografias e vídeos do Lampião em 1936, dez anos depois, vai ao Crato buscar um fotógrafo, o Pedro Maia. No dia 6, sábado, Lampião recebe Pedro Maia e também o [jornalista] Otacílio Macedo, que vai fazer uma entrevista.

Na ocasião, Lampião ficou num sobrado muito próximo da casa dos familiares, então ele ficava recebendo a visita do irmão Ezequiel, do irmão João Ferreira, das irmãs. Há relatos de que ele encontrou padre Cícero uma segunda vez, durante a assinatura a patente. E aí Lampião faz uma série de fotografias incríveis feitas por Pedro Maia e Lauro Cabral.

Nenhuma com o Padre Cícero?

Não tem nenhuma foto. Os repórteres depois disseram que [àquela época] as pessoas falavam mal do padre Cícero por ele receber “todo o tipo de pessoas” lá no Juazeiro. E a imprensa, que era contra o padre Cícero, batia nele. Imagina então ele aparecer, do nada, com uma foto ao lado de Lampião.

Não existe foto de padre Cícero com Lampião, mas existem cartas. Inclusive, no meu livro, tem três cartas do padre Cícero falando sobre a passagem de Prestes na região. Uma das cartas é do Padre Cícero pedindo para Prestes se entregar, ela está datada de 20 de fevereiro de 1926. Teve a carta de Padre Cícero para os jornais dizendo que Lampião esteve lá como romeiro para defender o Juazeiro, defender o Padre Cícero e o medo do Juazeiro ser atacado pela coluna.

Quando criticaram Padre Cícero porque ele não prendeu o Lampião, ele disse: “Não é meu papel prendê-lo. É papel do governo, é papel do Estado. As portas do Juazeiro não foram fechadas.”

Os jornais da capital Fortaleza estavam narrando detalhe por detalhe, passo a passo do Lampião em tempo real. Fortaleza toda sabia, então por que não foram atrás de Lampião? Porque havia essa probabilidade da regeneração de Lampião e de ele ser incorporado aos batalhões patrióticos.

Eu queria aproveitar e pedir para você trazer um ponto que às vezes a gente desconhece. A gente olha para o Padre Cícero hoje com o respeito gigante que ele tem, e às vezes não se lembra que, em vida, ele foi muito contestado.

Pela própria igreja. Inclusive, ele não era padre, a gente cha-

ma de padre. Mas existem dois nomes: padrinho Cícero e padre Cícero. As pessoas chamam padre Cícero e é um termo errado porque ele não era mais padre, ele não foi padre em momento algum do século XX.

Ele era muito contestado. Era controverso, poderoso. Ele tinha um poder muito grande com os coronéis. Quem quiser estudar um pouquinho mais, pesquise sobre o pacto dos coronéis guiado por ele. Eram as cidades com seus coronéis lutando, brigando, se matando, matando familiares, e ele conseguiu juntar todos os coronéis da cidade do Cariri em uma grande reunião para eles assinarem um decreto que definia que eles não iriam mais se matar e dar amparo a bandido.

Um homem que rezava, o homem do povo. Eu sou devoto do Padre Cícero Romão e, inclusive, tem uma música que fala: “Sou devoto do padre Cícero Romão, sou tiete do nosso rei do Cangaço”.

O padre Cícero e o Lampião, eles têm um poder mediático gigantesco, em vida e em morte. Hoje, em qualquer lugar que você chega, você encontra uma estátua ou um quadro do padre Cícero. Se você chegar em qualquer feira de artesanato, você vai encontrar uma estátua do Lampião quase venerada como um santo. Não que ele seja santo. Nós tivemos casos de cangaceiros que se tornaram santos populares, como o Jarraraca lá em Mossoró, mas tem gente que tem uma devoção quase beirando a santidade com o Lampião, de fazer tatuagens, de defender mesmo.

Eu tenho um canal, o Cangaço na literatura, e eu vejo isso sempre [nos comentários]: é uma devoção gigantesca, uma briga muito grande. Quando eu coloco postagens do Padre Cícero e de Lampião, são os únicos dois personagens que os comentários são os mesmos e a briga é grande de quem defende e quem apoia. Parece que eu estou falando da mesma pessoa. Não que Padre Cícero era bandido e não que Lampião era santo. Mas eu estou falando de termos mediáticos, termos de potencial histórico. Os dois têm o mesmo nível aqui no Nordeste. Eu me inclino a dizer que são os dois maiores ícones do nosso Nordeste em termos históricos, midiáticos.

Lampião tem muitos devotos, tem muitos apoiadores, pessoas que o idolatram. Mas em vida, existia também esse movimento ou as pessoas apenas temiam e viam-no como um grande criminoso?

Era [idolatrado] por quem o apoiava, quem tinha relação com ele, que nós chamamos de coiteiros. Uma pessoa que tinha uma boa relação com Lampião, que o recebia na fazenda, que fazia negócios com Lampião. Lampião deixava dinheiro, a pessoa comprava mantimentos. Ele chegava numa bodega, mandava pegar 200 pães, tirava o dinheiro e pagava. Ele não batia no dono da bodega e ia embora. São coisas que as pessoas, às vezes, não entendem. Todo personagem histórico vai ter os prós e contras em vida e em morte. Qualquer personagem histórico. Eu sempre digo que a fama e o sucesso trazem na bagagem, usando um termo atual, os haters que sempre existirão.

Você tem na Bíblia os haters de Cristo. Você acha que todo mundo era de amores com Jesus Cristo? Não era. O João Batista teve a cabeça cortada e colocada numa bandeja, igual aos cangaceiros que tiveram a cabeça cortada. Então, a história é cíclica, a história sempre vai acontecer.

Lampião vai ter os seus apoiadores, vai ter os seus coiteiros e também vai ter as pessoas que tinham ódio. Às vezes, um filho que perdeu um pai na mão de Lampião por alguma intriga, alguma briga, vai crescer com aquilo ali em mente e quem sabe um dia ele pudesse até tirar a vida de um cangaceiro, pensando naquela atrocidade cometida com a família dele.

A gente tem que entender um personagem controverso como Lampião, que policiais de sete estados estavam em busca dele, querendo a cabeça dele, e conseguiram. Aqui na Grota do Angico, onde eu moro, morreram Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros.

AO PÉ DA FOGUEIRA



CAVALEIRO FANTASMA – O CAPITÃO CARVOEIRO

“Eu não acredito em fantasmas, mas que eles existem, existem” (Proverbio espanhol)

Achavam-se perdidos por aquelas lonjuras, região além do Elvas e Carvoeiro, noite já cerrada, após quilômetros percorridos, estradas precárias, verdadeiras trilhas, chegam a pequeno, desconhecido arraial. Até que, enfim!

Passageiros apreensivos, o motorista, sua mãe e dois filhos menores que, pela tarde domingueira, tinham se deslocado da cidade, sentido Barroso, a fim de visitar parentes na zona rural. Ao retornar, a noite se aproximava rápido e ali, agora, sem noção de onde se encontravam. Tempos em que não havia celular, GPS, formas instantâneas de comunicação.

Chegados à praça da desconhecida povoação, batem em várias portas, assomam a buzina, gritam, ninguém os atende. Percebiam-se vultos, cochichos no interior das residências, lâmpadas sendo apagadas, rostos e olhares, de soslaio, observando pelas frestas das toscas janelas. Mãos apressadas conferindo portas, apondo trancas.

Resolvem prosseguir, deixando para trás o povoado inamistoso. Tentam apurar os ouvidos, captar barulho de veículos, talvez a rodovia estivesse próxima. Em vão. Quilômetros adiante, estrada aclivada, no ápice do percurso, percebendo um mata-burros (geralmente malconservados e ardilosos), eis um cavaleiro, surgido inesperadamente, vestindo uma longa, larga capa, quicã um gambesão ou túnica, cobrindo-lhe todo o corpo e partes do animal, chapéu abaixado até a altura dos olhos, grossas botas de couro aveludado, uma espécie de gorjal em torno ao pescoço. Praticamente uma hora sem verem viva alma, até que, que enfim, eis um morador, um viajante! Alegria toma conta de todos no interior do automóvel.

Seriam em torno de umas nove horas. Reduz drasticamen-

te a velocidade do veículo – crianças, até então enervadas, ansiosas – aparelhando-se ao cavaleiro, este estacado à beira da estrada:

– Amigo, boa noite. Estamos meio perdidos por estas bandas, precisando chegar à rodovia...

O estranho, de forma gentil, respeitosa, orientou-os seguramente. – Boa noite, meu senhor. Todo o prazer em ajudá-los. Nenhum segredo ou dificuldade à vista. Basta o senhor seguir em frente e daqui a dois quilômetros aproximadamente, vocês depararão com um entroncamento, siga à direita e você estará praticamente no asfalto. Boa viagem ao senhor e família!

Despedidas e agradecimentos feitos, eis que, em pouco tempo, os passageiros, agora aquietados, atingem a rodovia, a caminho do lar.

Daí a dias, encontrando-se com um familiar (por ele visitado justamente na semana anterior) comenta quanto aos entrevistos no retorno – extraviados na estrada, moradores que não abriram portas e nem prestaram ajuda, o encontro com um cavaleiro que os orientara precisamente.

– Cavaleiro de capa longa?!, alarmou-se o parente.

– Mas, qual o problema?!

– Minha nossa, esconjuros... Vocês encontraram foi o Capitão Carvoeiro, o cavaleiro fantasma que aparece repentina e inesperadamente, revestido de longa capa medieval, visto altas horas da noite, em locais imprevistos, momentos os mais incomuns, temido por muitos. Há quem diga que ele é rude para transeuntes e notívagos. E complementou: – Após o anoitecer, à medida que se caminha para a meia noite, as pessoas recolhem-se ao interior das casas, uma rotina de há muito comum aos moradores que evitam, a toda, encontros fortuitos e imprevistos com o fantasma... Vocês deram muita sorte!!!

Realização:



Apoio:

